

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**“AGRONEGÓCIO, MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES:
uma análise das coberturas do Globo Rural e do MS Rural”**

Tarcísio Saldívar Silveira

Campo Grande, MS
2018

TARCÍSIO SALDÍVAR SILVEIRA

AGRONEGÓCIO, MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES:
uma análise das coberturas do Globo Rural e do MS Rural

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção de título de mestre no Mestrado em Comunicação de Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof. ^a Dr. ^a Greicy Mara França.

Campo Grande, MS
2018

TARCÍSIO SALDÍVAR SILVEIRA

AGRONEGÓCIO, MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÕES:
uma análise das coberturas do Globo Rural e do MS Rural

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção de título de mestre no mestrado em comunicação de Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Greicy Mara França.

Campo Grande, 22 de maio de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Greicy Mara França
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof.^a Dr.^a Daniela Ota
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço à agência financiadora Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio a esta pesquisa.

Agradeço, imensamente, o apoio da minha orientadora Prof.^a Dr.^a Greicy Mara França, por confiar no propósito e auxiliar em todas as etapas deste processo. Levo o aprendizado acadêmico e a gratidão por tamanha dedicação. Uma parceria pra vida!

Agradeço à minha família, principalmente ao meu pai, Darci Rodrigues da Silveira por, também, financiar (financeiramente e emocionalmente) esta caminhada. Obrigado pelo suporte, por acreditar em mim e no poder que a educação tem de mudar o futuro. Orgulho e gratidão por ser seu filho. Agradeço à minha irmã, Eloise Saldívar Silveira, pelo tempo doado na confecção dos gráficos deste trabalho.

Aos meus amigos, pela paciência e pela compreensão, meu muito obrigado. Cada nome estará guardado em minha memória.

Minha gratidão, também, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde passei 4 meses aprofundando conhecimentos.

Agradeço a espiritualidade de luz, que protegeu meus passos e iluminou meus pensamentos. Fé e ciência caminham, sim, juntas.

“Diariamente eu chego a simples conclusão de que a vida é tão maravilhosa porque também é feita de coisas, de feridas que cicatrizam, de amigos que celebram ou choram junto, de café coado com coador de pano, de gente que pega ônibus ou faz caminhada pela manhã, de quem planta o que se pode comer, de vizinhos que alimentam seus gatos com comida de gente. Que a vida é feita de algumas pessoas que direcionam todo o seu potencial criativo para melhorar a qualidade de vida de gente que eles nem conhecem. Que é feita de e-mails que chegam recheados de saudade e de cartas extraviadas solitárias numa gaveta de um correio qualquer. De muros e pontes e cais. De aviões que suprimem distâncias e de barcos que chegam. De bicicletas que atravessam cidades. De redes que balançam gente. De rostos que recebem beijos. De bocas que beijam. De mãos que se dão. Que existem pessoas altamente gostáveis, altamente rabugentas, altamente generosas, pessoas distraídas que perdem as coisas, mal-educadas que buzina sem necessidade, pessoas conectadas que se preocupam com o lixo, pessoas sedutoras e seduzíveis, possíveis e impossíveis, pessoas que se entregam, pessoas que se privam, pessoas que machucam, pessoas que chegam pra curar desencadeadores de poemas, de sorrisos, de lições de vida que ficarão guardadas para sempre ... A vida é tão maravilhosa porque ela nos compensa com ela mesma.”

Maria de Queiroz

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre a cobertura de meio ambiente nos programas MS Rural, da TV Morena, afiliada da Rede Globo em MS e do Globo Rural, da Rede Globo. Os dois programas, objetos de estudo, são direcionados ao público rural e, semanalmente, divulgam informações sobre o agronegócio. Tendo em vista a importância econômica do setor e todos os seus reflexos na sociedade, esta pesquisa acompanhou um ano de exibição dos programas jornalísticos para quantificar e traçar reflexões sobre o conteúdo de meio ambiente contido e as representações criadas por eles.

Palavras-chave: jornalismo ambiental, jornalismo rural, televisão, Globo Rural, MS Rural.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection about the environmental coverage in the MS Rural programs of TV Morena, an affiliate of Rede Globo in MS and Globo Rural, of Rede Globo. The two programs, objects of this study, are directed to the rural public and, weekly, disseminate information on agribusiness. In view of the economic importance of the sector and all its repercussions in society, this research followed a year of exhibition of the journalistic programs to quantify and to draw reflections on the content of the environment contained in them.

KEY-WORDS: environmental journalism, rural journalism, television set, Globo Rural, MS Rural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Print do site g1.com.br/tvmorena/msrural	59
Ilustração 2 – Print do site g1.com.br/globorural	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Linha do Tempo da Educação Ambiental	28
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tempo de matérias exibidas por editoria/ MS Rural.....	64
Quadro 2 - Tempo médio de matéria, por editoria, no MS Rural	66
Quadro 3 - Assuntos de meio ambiente mostrados no MS Rural e seus respectivos tempos	67
Quadro 4 - Tempo médio de reportagem em cada editoria do Globo Rural.....	72
Quadro 5 - Assuntos sobre meio ambiente tratados no Globo Rural	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Geração de empregos em MS em 2016	17
Gráfico 2 - Editoriais MS Rural em proporção de tempo	64
Gráfico 3- Assuntos de meio ambiente exibidos no MS Rural	68
Gráfico 4 - Editoriais exibidas no Globo Rural em proporção do tempo total	70
Gráfico 5 - Proporção de visibilidade de cada região do país no Globo Rural	73
Gráfico 6 - Participação por estado no Globo Rural	74
Gráfico 7 - Participação de Mato Grosso do Sul no Globo Rural	76
Gráfico 8 - Assuntos de Meio Ambiente apresentados no Globo Rural	78
Gráfico 9 - Meio Ambiente por regiões no Globo Rural	78
Gráfico 10 - Participação de cada estado no Globo Rural com assuntos de meio ambiente	80

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 1 - MCM – Meios de comunicação de massa
- 2 - MA – Meio Ambiente
- 3 - MSRU – MS Rural
- 4 - GRU – Globo Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA): CONTEXTO E CONEXÕES COM O JORNALISMO.....	24
1.1 Percepção Ambiental.....	25
1.2 Diretrizes da educação ambiental a partir de Tbilisi.....	27
1.3 Caminhos para educar para o meio ambiente através da mídia.....	35
1.4 Agronegócio e meio ambiente: uma relação em construção.....	37
1.5 Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável: agronegócio e meio ambiente em um diálogo possível.....	43
2. TELEVISÃO: MUITO ALÉM DO “BEM” E DO “MAL”	45
2.1 Representações Sociais: a televisão, a sociedade e a realidade.....	48
2.2 Comunicação: um olhar para o rural.....	52
2.3 O Globo Rural: pioneirismo na televisão brasileira.....	53
2.4 O MS Rural.....	
3. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	58
3.1 Análise de dados do MS Rural	63
3.2 Análise de dados do Globo Rural	69
CONCLUSÕES	85
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca analisar de que forma as questões ambientais são abordadas nos programas MS Rural, da TV Morena, afiliada Globo em Mato Grosso do Sul e no Globo Rural, da Rede Globo. A pesquisa traz dados e análises, através do método de análise de conteúdo, e mostra quanto e de que maneira o assunto é abordado pelos programas direcionados ao público rural. Amparamos teoricamente a pesquisa em elementos que envolvem seus objetos. São pontos que geram importantes reflexões sobre um universo complexo, frequentemente controverso, munido de interesses, muitas vezes opostos.

O MS Rural, da TV Morena, foi criado em 1984, sendo o pioneiro especializado no Estado. O programa é exibido semanalmente, aos domingos de manhã. Segundo dados da própria emissora, o número de pessoas alcançadas (audiência), por programa é de 62.236 pessoas. Embora haja um direcionamento de produção voltado para o público rural, desde a linguagem, o conteúdo até o critério de noticiabilidade, há uma percepção de questões que envolvem conexões entre o campo e a cidade. O MS Rural segue a linha do programa exibido pela Rede Globo, Globo Rural, também objeto desta pesquisa.

O Globo Rural é um pouco mais antigo que o programa local. A estreia do programa foi em 1980. Motivada pela perspectiva de crescimento do setor, e pelos atrativos que o assunto poderia gerar para a emissora, a rede Globo incluiu em sua grade semanal um conteúdo voltado para o “homem do campo”. A proposta é mostrar a pluralidade de temas derivados do meio rural. Economia, política, pequenos, médios e grandes produtores, pesquisa, cultura, meio ambiente e outros. O Globo Rural vai ao ar todos os domingos de manhã. Tem uma linguagem descontraída, simples, normalmente comandado por dois apresentadores. Devido ao alcance e popularidade, o programa ganhou uma versão em revista impressa e, durante anos, uma versão diária na TV Globo. Uma análise dos dois programas gerou resultados que estão divulgados nesta pesquisa.

A escolha do objeto é sustentada pela relação, cada vez mais próxima entre os assuntos do meio rural e do meio ambiente. Esta relação, na maioria das vezes, leva a embates políticos, econômicos e ideológicos que geraram hipóteses e perguntas que começam a ser respondidas com este trabalho. Em uma análise empírica, a hipótese seria de que, embora o envolvimento de diversos setores da socieda-

de, incluindo a imprensa, tenha despertado mais interesses nas últimas décadas, as questões econômicas ainda poderiam influenciar na quantidade e na qualidade dos assuntos da temática ambiental, gerados pelas grandes mídias, estadual e nacional.

Por fim, refletimos ainda a importância dos meios de comunicação nas representações sociais. Esta pesquisa propõe uma análise sobre os dados quantitativos e seus reflexos na sociedade. Propõe avaliar de que forma a veiculação da temática ambiental no meio rural está colaborando na construção dessas representações. Para isso, é preciso levar em consideração uma série de levantamentos e informações entre comunicação, meio ambiente, agronegócio e representações, contidas neste trabalho.

A comunicação e a agricultura participaram de forma decisiva das mudanças socioculturais que construíram a história da humanidade. Desde os grunhidos e gestos repetidos pelos homens das cavernas, as pinturas e gravuras rupestres, a escrita e tantas outras formas, a comunicação evoluiu em escala imensurável. A agricultura também foi um marco para transpor períodos históricos. Foi com a descoberta e domínio das técnicas que o Homem parou de migrar a procura de alimento. De acordo com pesquisadores, as cidades surgiram a partir do agrupamento de pessoas para produzir alimentos (MAZOYER, 2010, p. 104).

A comunicação e a agricultura foram protagonistas de revoluções e transformaram-se, também, em decorrência de outras revoluções, principalmente a industrial e a tecnológica (MAZOYER, 2010). Com a chamada “revolução verde”, que baseia a evolução do setor agrícola no uso de plantas geneticamente modificadas, uso de tecnologias e insumos, o Brasil tornou-se um dos maiores produtores de alimento do mundo. Um complexo sistema integrado de pesquisa, produção, transporte, industrialização e comércio deu origem a um novo conceito: o *agronegócio*. Para o entendimento do termo, nesta pesquisa, será adotado o conceito proposto por Giovanni (2015).

O agronegócio é tido como um feixe de cadeias produtivas, definidas como uma sequência coordenada que, a partir de insumos, chega à produção e à distribuição de derivados. O agronegócio remete ainda ao conceito de complexo agroindustrial, com o que se enfatiza o caráter evolutivo da produção primária simples para o intrincado conjunto de segmentos interdependentes. (GIOVANNI, Geraldo Di, 2015, p66).

Isso quer dizer que o termo refere-se a tudo que envolve a cadeia, desde a venda de produtos necessários a produção, como sementes, ração, passando por pesquisas que ajudam a desenvolver esses produtos, as atividades dentro das propriedades (plantio, criação, colheita), na sequência o transporte do que é produzido, a transformação dos produtos, nas indústrias, até a comercialização. Envolve os setores produtivo, industrial, serviços e comércio.

O termo tem sido bastante utilizado na economia, política e nas coberturas jornalísticas referentes ao tema. É preciso evidenciar que diferentes órgãos geradores de dados e conteúdos do meio agrícola especificam os números de maneira setorizada. Desta forma, ao longo desta pesquisa serão utilizados dados coletados com perspectivas e metodologias diferentes, de acordo com cada órgão, com o intuito de demonstrar de forma quantitativa a importância do agronegócio. Isso significa que, dependendo do órgão, teremos dados de agropecuária ou de pecuária, apenas, de produção de grãos em geral ou específico (soja, milho), de produção de carne, ora bovina, ora de frango. Esses dados, separados, ajudam a dar a dimensão individualizada das cadeias produtivas dentro do agronegócio e precisam ser entendidos como partes de um todo.

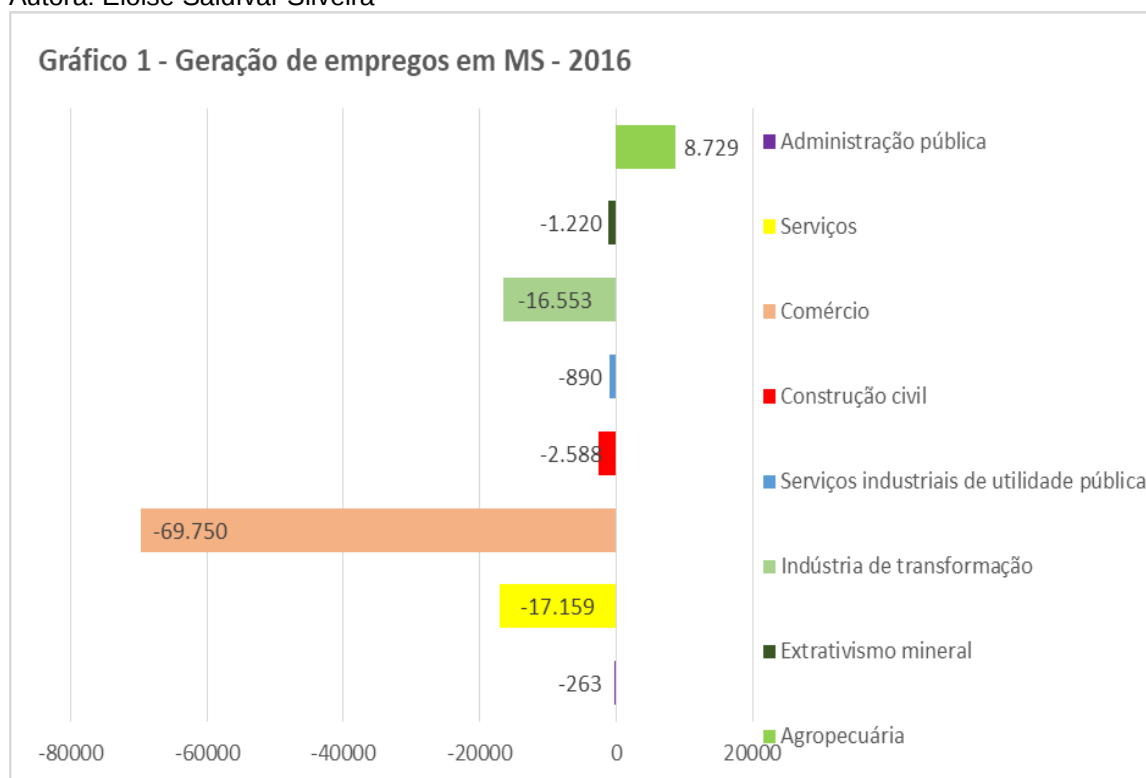
Esta pesquisa baseia-se em números para justificar o interesse pelo tema da pesquisa. Os dados do IBGE mostram Mato Grosso do Sul na quarta posição em tamanho de rebanho bovino no país, com 21.357.398 cabeças. O estado fica atrás de Mato Grosso, com 29.364.042 (13,6%), Minas Gerais, com 23.768.959 (11,0%) e Goiás, com 21.887.720 (10,2%). Já os dados da CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento, mostram que a produção de grãos em Mato Grosso do Sul, na safra 2015/2016 foi de 13,765 milhões de toneladas do ciclo passado (2015/2016) e recorde na safra 2016/17 chegando a 17,595 milhões de toneladas. O Estado está entre os seis maiores produtores de grãos do país, de acordo com a CONAB.¹

O rebanho bovino brasileiro chegou a 212,3 milhões de cabeças de gado em 2014, de acordo com o último levantamento do IBGE. A região Centro Oeste (MT, GO e MS) responde por 33,5% deste total. A mesma pesquisa aponta que a produção de peixes chegou 474,3 mil toneladas. No mesmo ano, o efetivo de gado foi de 37,9 milhões de cabeças. O efetivo de galináceos (galos, galinhas, frangos e pintos) foi de 1,3 bilhão de cabeças em 2014, aumento de 6,6% em relação a 2013.¹

¹ Os dados foram obtidos por e-mail enviado à FAMASUL - Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul, no dia 17/05/2017 e respondido no dia 29/08/2017, conforme anexo.

De acordo com o apontamento feito pela CONAB a safra 2016/2017 de grãos deve chegar a 227,9 milhões de toneladas, com um aumento de 22,1%, o que representa 41,3 milhões de toneladas a mais, frente às 186,6 milhões de toneladas da safra anterior.¹ O Caged, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do IBGE, mostra que em 2016 a agropecuária foi o único setor da economia a registrar saldo positivo na geração de empregos com 8.729 vagas. Os outros setores são: extrativismo mineral (- 1220), indústria de transformação (-16.553), serviços industriais de utilidade pública (- 890), construção civil (-2.588), comércio (- 69.750), serviços (- 17.159), administração pública (- 263), conforme gráfico 1, a seguir.¹

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Fonte: Caged/TEM

A CNA, Confederação Nacional da Agricultura afirma que a agropecuária representa 48% das exportações totais do País. Em 2016, os produtos do agronegócio garantiram saldo comercial significativo de US\$ 72,5 bilhões.²

² Consulta no site <http://www.cnabrazil.org.br/noticias/agropecuaria-supera-obstaculos-e-segue-liderando-economia-brasileira-em-2016>, no dia 12/09/2017 as 11h30.

Os dados mostram o Brasil em um cenário de destaque e a previsão do Ministério da Agricultura é de um crescimento ainda mais significativo nos próximos dez anos, conforme projeções do órgão.

A produção de grãos deverá passar de 200,7 milhões de toneladas em 2014/2015 para 259,7 milhões de toneladas em 2024/25. Isso indica um acréscimo de 59,0 milhões de toneladas à produção atual do Brasil. Mas no limite superior, a projeção para o final do período pode resultar numa produção de 301,3 milhões de toneladas. Nesse caso o aumento de produção em relação a 2014/15 seria de 50,1% (BRASIL, 2015, p.1).

A produção de alimentos virou uma questão social, cultural, econômica e, principalmente, ambiental em todo o mundo. O mesmo modelo que traz segurança econômica é alvo de críticas. É por isso que esta pesquisa dedica-se a entender a relação entre os dois assuntos (agronegócio e meio ambiente) e seus objetos (MS Rural e Globo Rural). Questões ambientais, cada vez mais discutidas, inclusive cientificamente, mostram que o setor é um dos principais responsáveis por números preocupantes que causam reflexos negativos no meio ambiente. O Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo. De acordo com a Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (2015), nos últimos quarenta anos, a utilização de agrotóxicos aumentou 700% no país. Mato Grosso do Sul está entre os seis estados brasileiros que mais fazem uso desses produtos. E os efeitos já são evidentes:

Em relação ao nitrato de origem agrícola, um levantamento realizado junto às universidades e instituições de pesquisa do Centro-Oeste, mostrou que todos os trabalhos encontrados fazem referência ao nitrato de origem urbana, destacando sua ocorrência em diversos cursos d'água que passam pela sede de vários municípios. Também existem relatos a partir de levantamento da ocorrência de nitrato nas águas já tratadas pelos sistemas de saneamento dos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (GOMES; BARIZON, 2014, p. 35).

Quando o assunto é desmatamento, também ocupamos posições preocupantes. De acordo com a Fundação Mata Atlântica (2015), o estado está entre os seis que mais derrubaram remanescentes de Mata Atlântica no país. O instituto SOS

Pantanal (2015), também alerta sobre o avanço da soja no Pantanal. Na vitrine dos pontos polêmicos da agricultura no estado ainda é possível citar o avanço da cana-de-açúcar e seus efeitos sobre o meio ambiente.

A criação de gado, que representa cerca de trinta por cento do Produto Interno Bruto, também está no centro das discussões sobre meio ambiente. O setor tem aumentado, de maneira preocupante, a emissão de gases que causam o efeito estufa (SOS Pantanal, 2015).

Optou-se, nesta pesquisa por estudar o suporte televisão pela abrangência do meio no espaço físico estudado. O rádio, durante muito tempo, foi o único meio de comunicação na zona rural. Ainda antes da energia elétrica o aparelho fazia a conexão com o mundo, fisicamente e virtualmente distante dos moradores do campo. No período em que os meios de transporte ainda eram escassos, as pilhas ajudavam a fazer a conexão com a vida na cidade. Pelas ondas do rádio chegavam informações e entretenimento. Com o advento da tecnologia e da expansão do sinal de TV via satélite, as facilidades de aquisição de aparelhos de TV, o meio de comunicação passou a fazer parte da rotina rural. Desde a década de 1980 houve uma grande adesão de som e imagem no campo. A TV, como aparato ou como processo produtivo de conteúdo, sem dúvida, passou a ser um dos principais meios para se comunicar com a população rural.

Os dados mais atualizados do IBGE (2014) demonstram a evolução do acesso a TV no campo. Em 2004, dos 91 mil domicílios da zona rural de Mato Grosso do Sul pesquisados, em 73 mil havia aparelho de TV e em 18 mil não tinha TV. Em 2014, dos 96 mil domicílios pesquisados na zona rural do estado, 91 mil possuíam TV e em apenas 5 mil não existia o aparelho (IBGE 2014). Esses números mostram como a TV atingiu o público rural de forma muito mais abrangente na última década.³

Os programas MS Rural, da TV Morena, afiliada Globo e Globo Rural da Rede Globo podem ser analisados sob a ótica da segmentação jornalística, como produtos do Jornalismo Rural. Juan Diaz Bordenave (1983) parte da grande área para a definição de Comunicação Rural.

³ Os dados citados foram obtidos por e-mail enviado ao IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no dia 8/12/2015 e recebidos no mesmo dia, conforme anexo.

O conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural (BORDENAVE, 1983, p. 7).

O Jornalismo Rural, responsável por parte importante deste fluxo de informações, tem, a cada ano que passa, um desafio maior. O setor se transforma rapidamente e exige dos veículos e dos profissionais que o fazem um esforço constante para acompanhá-lo. É preciso, em muitos casos, estar à frente, para antecipar possibilidades, tecnologias, problemas e soluções. Pesquisa, tecnologia e economia são abordagens frequentes do Jornalismo Rural, conforme verificado nesta pesquisa e exposto mais adiante.

No entanto, o que está entre os objetivos deste estudo é avaliar a abordagem das questões ambientais. Bueno (2007, p 35) conceitua Jornalismo ambiental como “Processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”. Bueno (2007) cita como funções principais do Jornalismo Ambiental a informativa, a pedagógica e a política. Para o autor, o Jornalismo Ambiental sofre do que ele chama de “síndromes”. Ele enumera cinco. Entre elas a síndrome do zoom ou do olhar vesgo e a síndrome do muro alto.

[...] a síndrome do zoom ou do olhar vesgo – tem a ver com o fechamento do foco da cobertura, a fragmentação que retira das notícias e reportagens ambientais a sua perspectiva inter e multidisciplinar. [...] a síndrome do muro alto – diz respeito à tentativa de despolitização do debate ambiental pela desvinculação entre a vertente técnica (comprometida com a perspectiva empresarial) e as demais vertentes (econômica, política e sócio-cultural). Na prática, ela situa a vertente técnica como a prioritária e busca desqualificar todos aqueles que vêem a questão ambiental a partir de um cenário mais abrangente (BUENO, 2007, p 37).

Scharf (2014, p. 52) diz que é comum encontrar coberturas com temáticas vazias e reportagens ambientais veiculadas em seções de variedades. Quanto à multidisciplinaridade da cobertura Ambiental Scharf complementa:

Os profissionais da imprensa cotidiana, em geral, relutam a conhecer a importância dos aspectos ambientais da economia. Ainda são pou-

cos os jornalistas que cobrem a questão de forma criativa, e consequente, que enxergam, estudam e exploram as múltiplas conexões existentes entre a natureza e o mundo do dinheiro, comércio exterior ao sistema financeiro (Scharf, 2014, p. 51).

Para Belmonte (2014, p. 21), “[...] sobrevive um preconceito contra os temas ecológicos nas redações. O meio ambiente é pauta, mas em geral ocupa espaços periféricos e recebe uma abordagem exótica”.

Considerando estas questões teóricas, este trabalho buscou na análise de conteúdo o caminho para obter os resultados. Baseada nos métodos propostos por Bardin (2011), esta pesquisa seguiu as etapas da pré-análise, a exploração do material/tratamento dos resultados e, por fim, inferência e interpretação. Uma amostragem de quatro meses (de janeiro à abril de 2016) monitorando os objetos ajudou a orientar os passos dados a este estudo e a corrigir equívocos iniciais.

Foi definido o recorte de doze meses, contando de julho de 2016 à junho de 2017. Foram analisadas cinquenta e duas edições de cada programa, sendo um total de 31:07’41” (trinta e uma horas, sete minutos e quarenta e um segundos) do programa Globo Rural e 14:24’41” (quatorze horas, vinte e quatro minutos e quarenta e um segundos) do MS Rural. O período garantiu a cobertura de grandes safras, e de safras intermediárias, conhecidas como safrinhas. São monitorados os principais cultivos de grãos, como milho e soja, além de pecuária e outros setores importantes dentro da cadeia. Os programas foram monitorados pelos respectivos sites na internet onde os programas são postados pelas emissoras, na íntegra.

Por meio da análise do texto lido pelos apresentadores para chamar a reportagens, chamada de “cabeça”, as reportagens foram divididas por categorias. Palavras-chave foram estipuladas para definir a classificação. Foram elencadas as categorias: economia/mercado/política, clima/tempo/ciclo produtivo, cultura/sociedade, meio ambiente, orientação técnica/pesquisa/tecnologia, doenças/pragas, curiosidades e conflitos agrários.

Por meio da contagem de tempo e classificação de cada reportagem foi possível quantificar o tempo de cada editoria veiculada nos programas. No MS Rural, a editoria que teve a maior visibilidade foi a de “Economia, Mercado e Política” com 36,36% do tempo total, seguido de “Ciclo produtivo, Clima e Tempo” (26,23%), “Pesquisa, Inovação e Orientação Técnica” (19,73%), “Meio Ambiente” (14,83%),

“Cultura e Sociedade” (3,52%), “Doenças e Pragas” (1,06%), “Curiosidade” (0,49%) e “Conflitos Agrários” (0,37%).

Foi calculado, também, o tempo médio das reportagens em cada editoria. Neste ponto, “Meio Ambiente” passa a frente de todas as editorias. As reportagens sobre a temática atingem uma média de 4’25” (quatro minutos e vinte e cinco segundos) enquanto a média geral é de 3’42” (três minutos e quarenta e dois segundos).

Os assuntos mais pautados, dentro da editoria de “Meio Ambiente” foram: produção sustentável, preservação de fauna e flora, legislação ambiental e impactos ambientais.

Na análise do Globo Rural, constatamos que as editorias, sob o critério de tempo de exibição, aparecem na seguinte proporção: “Ciclo Produtivo” (21,98%), “Pesquisa, Tecnologia, Inovação e Orientação Técnica” (19,6%), “Meio Ambiente” (19,27%), “Cultura e Sociedade” (15,18%), “Economia, Política e Mercado” (15,16%), “Doenças e Pragas” (6,39%), “Curiosidade” (2,41%) e “Conflitos Agrários”, que não registrou ocorrência.

Entre os assuntos mais abordados em “Meio Ambiente” estão: produção sustentável, reutilização de água, queimadas e reflorestamento.

Levando em consideração o tempo médio de reportagem, a categoria que aparece em primeiro lugar é “Meio Ambiente”, com tempo médio de 8’34” (oito minutos e trinta e quatro segundos), muito acima da média geral que é de 3’32” (três minutos e trinta e dois segundos).

São Paulo (20,83%) e Minas Gerais (11,50%) são os estados com maior proporção de tempo no programa. Mato Grosso do Sul aparece em 6,37% do tempo total.

Levando em consideração a participação dos Estados na produção nacional de “Meio Ambiente”, São Paulo tem a maior proporção de tempo (19,43%). Mato Grosso do Sul aparece com 3,01% de conteúdo com a temática ambiental no Globo Rural.

Com estes dados gerais da pesquisa, constatamos que o espaço destinado ao meio ambiente nos programas estudados é bastante significativo. O assunto não foi negligenciado e o tempo médio de reportagem da editoria demonstra preocupação editorial de explorar os assuntos. Os dados demonstram indicativos quantitativos e ilustram o início de uma pesquisa que deve ser expandida.

Este trabalho foi estruturado em 3 capítulos, a saber: a introdução apresenta uma visão geral, além dos fatores que deram origem a questão investigada, apresentação dos objetivos geral e específico, relevância do projeto e a metodologia utilizada. O primeiro capítulo apresenta a importância da educação ambiental, sua evolução histórico-social e sua ligação com o contexto jornalístico. O capítulo faz um resgate sobre a história do movimento ecológico no Brasil e a relação temporal com o desenvolvimento do agronegócio nacional. No segundo, “Televisão: muito além do ‘bem e do mal’”, são abordadas as principais linhas de pensamento teóricas em relação a televisão, além de apresentado o conceito de representações vinculado à TV. Neste capítulo são apresentados os objetos de estudos desta pesquisa, apresentando as histórias dos programas Globo Rural e MS Rural. No terceiro capítulo, “Metodologia e Análise de dados” foram apresentados os resultados obtidos pelo trabalho durante período estudado e suas análises. Em seguida são apresentadas as conclusões sobre a cobertura feita pelos programas sobre o meio ambiente e possíveis caminhos para a continuidade da pesquisa. Por fim, foram apresentadas as referências e os anexos.

1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA): CONTEXTO E CONEXÕES COM O JORNALISMO

O processo de educar para o meio ambiente permeia diversas esferas da vida social e quando atrelado ao jornalismo se conecta com as representações sociais reportadas por cada um dos jornalistas envolvidos na emissão da mensagem, com a intencionalidade dos profissionais envolvidos e do veículo emissor.

Há que se considerar que, falar sobre meio ambiente, ou ainda, a simples inserção de pautas ambientais, que de certa maneira tratam sobre meio ambiente, não é sinônimo de educação ambiental.

Historicamente, a conexão do homem com o meio ambiente e as primeiras noções de educação ambiental, ultrapassam o tempo da imprensa. Luciana Mello Ribeiro (2003) em seu trabalho sobre o papel das representações sociais na educação ambiental, relata:

Frequentemente escutamos que a questão ambiental é algo que passou a ter expressão desde meados da década de 60, do último século. A filosofia e a história ambiental anunciam a inconsistência desta crença. O ambiente é preocupação humana das mais antigas, dado que diz respeito à própria vida e a nossa forma de nos relacionarmos com ela. O mergulho histórico nos mostrou as diferentes maneiras de estabelecer relações com o ambiente e provou que nossa mirada de uma existência é insuficiente para entender a complexidade do planeta (RIBEIRO, 2003, p.14).

A visão de Ribeiro (2003) sobre educação e meio ambiente perpassa diversas temáticas. A autora traz os aspectos da educação ambiental com um panorama mais amplo, que também pretende-se evidenciar neste trabalho.

Essa abertura no olhar sobre educação ambiental compreende, entre outros aspectos, como as interações entre as representações sobre ambiente, educação e informação acontecem na prática de educadores e jornalistas ambientais, e ainda a forma como o exercício de outras interações da vida social como família e trabalho, também influenciam na construção da noção de educação ambiental.

O contato do Homem com o meio ambiente, desde o nascimento e as formas de interação com o meio em que se vive, influencia nos aspectos constitutivos dos atores sociais que se tornam disseminadores do conhecimento sobre o meio ambiente e educam para o convívio e inter-relação com tal meio.

É importante, também, contextualizar o debate sobre educação ambiental a partir da compreensão de um meio ambiente para além dos aspectos de natureza e ecossistema.

O conceito de meio ambiente, que aqui se utiliza, ultrapassa a noção da conservação dos bens naturais, fauna e flora. É o meio ambiente enquanto espaço de vivência dos atores sociais, o meio em que se habita.

Consequentemente, ao perceber o meio ambiente conceitualmente de uma forma mais ampla, nota-se que a educação ambiental também não se restringe a repassar informações sobre a preservação da natureza.

[...] as pessoas comumente confundiam a educação ambiental com o fornecimento de informações a respeito dos ecossistemas ou instruções normativas sobre o uso otimizado dos chamados recursos naturais, ou ainda acerca de como deveria ser seu comportamento para a sobrevivência da espécie humana, responsabilizada, como ente abstrato e descontextualizado, pela degradação ambiental (RIBEIRO, 2003, p.16).

Essa visão mais crítica de meio ambiente é o ponto de partida da pesquisa de Andreia Aparecida Marin (2008) sobre percepção ambiental. Marin (2008) utiliza o conceito de “percepção ambiental” como base para compreensão do que é educação ambiental e de como é a relação dos seres humanos com o espaço habitado.

1.1 Percepção ambiental

Perceber o meio em que se vive é também notar a maneira como você se relaciona com todo seu espaço de convívio social e não apenas suas atitudes em relação aos problemas ambientais. Qual a sua relação com seu *habitat*? Como você o percebe? Quais seus sentimentos atrelados ao seu espaço de vivência? Como estabelecer relações educativas a partir das maneiras individuais de convívio das pessoas com o meio?

A partir de questionamentos como esses é que Marin (2008) estabelece o que é educação ambiental e quais estratégias efetivas para educar para o meio ambiente, com foco na percepção ambiental de cada um.

Marin destaca que o foco do estudo em percepção ambiental não deve ser apenas sobre a forma que os atores sociais visualizam os problemas ambientais,

mas que muitas respostas provenientes destas questões trazem à tona conceitos que se derivam de experiências perceptivas e não somente de vivências. Essas experiências perceptivas, segundo a autora, são deixadas de lado muitas vezes em pautas da mídia com a divulgação de informações descontextualizadas (MARIN, 2008).

Nosso objeto é muito mais as formas com que o ser humano se mistura com o mundo, vivencia suas concretudes, se relaciona com os problemas e, coletivamente, tenta construir uma discursividade autêntica que dê conta de exprimir seus modos de viver. Os estudos sobre percepção deveriam se ocupar, portanto, muito mais que do produto discursivo, que, por vezes, e pela influência de múltiplos fatores (alienação, relações de poder, imaturidade política, indústria cultural, desaprendizagem do senso coletivo, etc.), se apresenta esvaziado de sentidos. Deveriam ir à gênese da existência e descrever os múltiplos modos de vida reveladores do real sentido de inserção do ser humano no seu ambiente. É somente na redescoberta desses modos de viver e de se relacionar com a natureza, o lugar habitado e a coletividade que se pode ancorar uma postura sensível e pró-ativa e uma discursividade enraizada, crítica, capaz de gerar o comprometimento das pessoas, focos das metas da educação ambiental (MARIN, 2008, p.216)

Trazer a percepção ambiental para os estudos sobre educação ambiental é algo estritamente necessário, já que o próprio intuito primário das pesquisas científicas em educação para o meio ambiente é, por fim, a tentativa de trazer elementos que possam auxiliar nesse processo educativo e possibilidades de caminhos para seguir no campo.

Nesse sentido, a percepção ambiental acaba por retomar a origem das problemáticas da relação do Homem com seu meio. Ribeiro (2003) reitera essa noção, destacando que “falar de percepção ambiental significa, portanto, verificar como os sentidos do ser vivo apreendem a realidade em que ele está imerso. Como o ambiente é compreendido a partir desta apreensão” (RIBEIRO, 2003, p. 38).

A cultura em que os atores sociais estão imersos também orienta a percepção de cada um com meio ambiente e, conseqüentemente, as ações tomadas a partir da percepção individual. Tudo isso configura “o perfil da relação com o ambiente de uma determinada época e local” (RIBEIRO, 2003, p. 40).

No Brasil o histórico de educação ambiental e da relação cultural que a população estabelece com o meio é reflexo de um processo de percepção ambiental com

pano de fundo de devastação, desde o início da colonização do país e sucedido por épocas ininterruptas de problemáticas relacionais.

De modo geral, apesar de providências eventuais que visavam resguardar o patrimônio, a relação dos moradores do Brasil com a natureza prosseguiu de maneira espoliativa. Os ciclos sucessivos da cana, do ouro e do café, assim como a introdução descuidada do gado e de outros animais domésticos desconhecidos nas Américas, atestam o pouco caso que se deu às agonias da mata atlântica brasileira (RIBEIRO, 2003, p. 46).

Além da abordagem sobre percepção ambiental, para compreender como a educação ambiental tomou forma no Brasil enquanto vivência, estratégia política e conceito, é necessário retomar a origem dos debates na temática.

Marco dos estudos em educação ambiental, a Conferência de Tbilisi é a origem de diversos outros textos sobre o assunto (RIBEIRO, 2003). Destacar alguns conceitos originários de Tbilisi e listar outros eventos e momentos que contribuíram para a formação do campo de educação ambiental é um ponto de partida que ajuda a mapear a forma que politicamente e cientificamente a educação ambiental permeia hoje as estruturas sociais no Brasil.

1.2 Diretrizes da Educação Ambiental a partir de Tbilisi

Para tratar de educação ambiental é necessário perceber os esforços coletivos que traçaram a evolução do conceito e das políticas da área. Esses esforços constituem ideias de diversos países que, conjuntamente, construíram documentos que embasam as legislações e normativas da área até hoje.

Essa história tem como um dos principais marcos a cidade de Tbilisi, capital da Geórgia, nos anos 1970 durante a **“Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”** organizada pela UNESCO⁴ em parceria com o PNUMA⁵ que recebeu representantes de diversos países para tratar da temática e traçar recomendações aos países-membro (SEMA, 2018).

Em Tbisili, na ocasião, o termo educação ambiental foi oficialmente cunhado e disseminado. A partir de Tbisili os estudos, documentos e políticas públicas de

⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

⁵ Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente,

educação ambiental foram ampliados partindo das resoluções ali reunidas (SEMA, 2018).

[...] estamos tratando aqui da educação ambiental histórica e coletivamente constituída, cujos marcos foram oficializados na Conferência de Tbilisi, em meados dos 70. Consideramos esse momento do parto tão significativo, que suas marcas continuam influentes e atuais. De modo que utilizaremos esta referência para fundamentar a apresentação da EA. Ainda que muitos outros documentos tenham se originado desde então, todos partiram de Tbilisi, procurando complementar e desenvolver os alicerces lançados na ocasião (RIBEIRO, 2003, p.17).

Além da **Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**, na cronologia do processo histórico de construção da educação ambiental, o Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2018) relata outros processos e encontros preponderantes, principalmente a partir da década de 1960, conforme tabela que compreende o período de 1960 à meados dos anos 2000:

Tabela 1 – Linha do Tempo da Educação Ambiental

- Anos 60 -
1962 Publicação da “Primavera Silenciosa” por Rachel Carlson
1965 É utilizada a expressão “Educação Ambiental” (Environmental Education) na “Conferência de Educação” da Universidade de Keele, Grã-Bretanha
1966 Pacto Internacional sobre os Direitos Humanos - Assembléia Geral da ONU
1968 Fundação do Clube de Roma 1968 Manifestações de Maio de 68 na França
- Anos 70 -
1972 Publicação do Relatório “Os Limites do Crescimento” - Clube de Roma
1972 Conferência de Estocolmo - Discussão do Desenvolvimento e Ambiente, Conceito de Ecodesenvolvimento. Recomendação 96 Educação e Meio Ambiente
1973 Registro Mundial de Programas em Educação Ambiental -USA

1974 Seminário de Educação Ambiental em Jammi, Finlândia - Reconhece a Educação Ambiental como educação integral e permanente

1975 Congresso de Belgrado - Carta de Belgrado estabelece as metas e princípios da Educação Ambiental

1975 Programa Internacional de Educação Ambiental – PIEA

1976 Reunião Subregional de EA para o ensino Secundário Chosica Peru. Questões ambientais na América Latina estão ligadas às necessidades de sobrevivência e aos direitos humanos.

1976 Congresso de Educação Ambiental Brasarville, África, reconhece que a pobreza é o maior problema ambiental.

1977 Conferência de Tbilisi - Geórgia, estabelece os princípios orientadores da EA e remarca seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador.

1979 Encontro Regional de Educação Ambiental para América Latina em San José , Costa Rica.

- Anos 80 -

1980 Seminário Regional Europeu sobre EA , para Europa e América do Norte. Assinala a importância do intercâmbio de informações e experiências.

1980 Seminário Regional sobre EA nos Estados Árabes, Manama, Bahrein. UNESCO — PNUMA.

1980 Primeira Conferência Asiática sobre EA Nova Delhi, Índia 1987 Divulgação do Relatório da Comissão Brundtland, Nosso Futuro Comum.

1987 Congresso Internacional da UNESCO - PNUMA sobre Educação e Formação Ambiental - Moscou. Realiza a avaliação dos avanços desde Tbilisi , reafirma os princípios de Educação Ambiental e assinala a importância e necessidade da pesquisa, e da formação em Educação Ambiental .

1988 Declaração de Caracas. ORPAL - PNUMA, Sobre Gestão Ambiental em América Denuncia a necessidade de mudar o modelo de desenvolvimento.

1989 Primeiro Seminário sobre materiais para a Educação Ambiental . ORLEAC - UNESCO - PIEA. Santiago, Chile.

1989 Declaração de HAIA, preparatório da RIO 92, aponta a importância da cooperação internacional nas questões ambientais.

- Anos 90 -

1990 Conferência Mundial sobre Ensino para Todos, Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, Jomtien, Tailândia. Destaca o conceito de Analfabetismo Ambiental

1990 ONU Declara o ano Internacional do Meio Ambiente.

1991 Reuniões preparatórias da Rio 92.

1992 Conferencia sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, UNCED, Rio/92 - Criação da Agenda 21

1992 Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis

1992 FORUN das ONG's - compromissos da sociedade civil com a Educação Ambiental e o Meio Ambiente.

1992 Carta Brasileira de Educação Ambiental . Aponta as necessidades de capa-

citação na área. MEC.

1993 Congresso Sul-americano continuidade Eco/92 - Argentina 1993 Conferência dos Direitos Humanos. Viena.

1994 Conferência Mundial da População. Cairo 1994 I Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental. Guadalajara, México.

1995 Conferência para o Desenvolvimento Social. Copenhague. Criação de um ambiente econômico-político-social-cultural e jurídico que permita o desenvolvimento social.

1995 Conferência Mundial da Mulher / Pequim

1995 Conferência Mundial do Clima. Berlim 1996 Conferência Habitat II Istambul.

1997 II Congresso Ibero-americano de EA . Junho Guadalajara, México.

1997 Conferência sobre EA em Nova Delhi.

1997 Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade : Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, Thessaloniki, Grécia.

1999 É lançada a revista Tópicos en Educación Ambiental, uma publicação internacional editada no México, que contém informações sobre as variadas vertentes e áreas da educação ambiente.

- Anos 2000 -

2002 Em dezembro, a Assembléia Geral das Nações Unidas, durante sua 57ª sessão, estabeleceu a resolução nº 254, declarando 2005 como o início da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, depositando na Unesco a responsabilidade pela implementação da iniciativa.

2003 Durante a XIV Reunião do Foro de Ministros de Meio Ambiente da América Latina e Caribe, em novembro no Panamá, é oficializado o PLACEA, o Programa Latino-americano e Caribenho de Educação Ambiental, que teve como principal protagonista a Venezuela, e como foro de discussões, a série dos congressos ibero-americano de educação ambiental.

2003 Em novembro é realizada na Venezuela, a reunião de trabalho de especialistas em gestão pública da educação ambiental na América Latina e Caribe, que elaborou o plano de implementação do PLACEA, de modo articulado com a Iniciativa Latino-americana e Caribenha para o Desenvolvimento Sustentável.

2016 é criada em Portugal, durante as XII Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da ASPEA, Associação Portuguesa de Educação Ambiental, a Rede Lusófona de Educação Ambiental, reunindo educadores ambientais brasileiros, portugueses e outras nacionalidades de língua portuguesa.

Fonte: Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2018)

Esta linha do tempo do histórico da educação ambiental, montada pelo Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2018), é interessante para demonstrar que ao longo dos anos, diversas ações esporádicas e vinculadas à educação ambiental, surgiram na tentativa de fortalecer o campo.

Mas é em Tbilisi, em 1977, que surgem, efetivamente, documentos que conseguem incorporar esses esforços e que influenciaram posteriores normatizações da área através da Declaração de Tbilisi e das recomendações documentadas no evento.

Em 1977, na cidade de Tbilisi, antiga URSS, ocorreria o mais importante evento internacional em favor da educação ambiental até então já realizado, organizada pela UNESCO em colaboração com o PNUMA. Foi a assim chamada “**Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**”, que foi responsável pela elaboração de princípios, estratégias e ações orientadoras em educação ambiental que são adotados até a atualidade (SEMA, 2018, p.1).

Antes de cunhar o termo educação ambiental os pesquisadores da área buscaram, primeiramente, se ater a compreensão do que é, efetivamente, o meio ambiente. Como descrever o meio ambiente, conceitualmente, sem reducionismos?

O conceito de meio ambiente está descrito dentro do documento de recomendações da conferência, que relata o objetivo fundamental da educação ambiental como o de “lograr que os indivíduos e a coletividade compreendam a natureza complexa do meio ambiente natural e do meio ambiente criado pelo homem” (SEMA, 2018, p.1).

O fato de subdividir a noção de meio ambiente entre meio ambiente natural e meio ambiente criado pelo homem, já trazia à tona a complexidade do conceito para além da noção de natureza.

A recomendação segue, afirmando que o meio ambiente é “resultante da integração de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais” (SEMA, 2018, p.1).

As pesquisas mais atuais em educação para o meio ambiente, não segmentam a noção de meio ambiente na dualidade natureza/meio social, porque para respeitar o meio ambiente natural, é essencial a compreensão educativa do meio social, então o meio ambiente compreendido de uma forma mais complexa e abrangente acaba por não precisar de uma divisão temática.

A recomendação que descreve a noção de meio ambiente, documentada na conferência, destaca, ainda, que é objetivo da educação ambiental:

[...] fazer com que as pessoas adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da questão da qualidade do meio ambiente (SEMA, 2018, p.1).

Gerir a qualidade do meio ambiente nada mais é do que a conclusão das ações diárias dos indivíduos e da maneira como ele lida com o meio em que habita. Assim como é possível gerir, por exemplo, as finanças (o quanto se ganha, o quanto se gasta e de que forma) é possível também gerir as ações cotidianas relacionadas ao meio ambiente e tudo isso parte da forma como cada pessoa percebe aquele meio.

Utilizando a mesma metáfora, se a percepção sobre finanças for vinculada ao ato de gastar excessivamente sem se ater ao quanto se ganha, as ações de gestão

necessárias sobre essas finanças serão vinculadas à busca de um equilíbrio, assim, para iniciar uma educação financeira seria necessário rever a gestão do dinheiro.

Da mesma forma, a educação para o meio ambiente se embasa na necessidade das pessoas em reverem as ações cotidianas relacionados ao meio, a tudo que se tem neste meio e de que forma podemos geri-lo de maneira equilibrada.

Talvez, a diferença prioritária entre a gestão de seu próprio ganho financeiro e a gestão do meio ambiente é que a forma como você gere o meio ambiente impacta – diretamente – na coletividade, o que torna a educação ambiental tão necessária, mas ao mesmo tempo tão complexa. São ações e percepções individuais que, na soma, dão forma ao meio ambiente e impactam positivamente ou negativamente sobre ele.

Essa amplitude no conceito de meio ambiente, também fica explícita na Declaração de Tbilisi (1977), quando o documento aponta que a educação ambiental é resultado da reorientação e da soma de diversas disciplinas formais e, também, das experiências educacionais e vivências, e que a partir desse pluralismo no processo educacional para o meio ambiente, a educação ambiental é facilitada ao gerar uma percepção integrada dos problemas ambientais, dando às pessoas a possibilidade de, a partir de uma percepção ampla, tomar agir diariamente compactuando com as necessidades socioambientais (BRASIL, 2018).

Ela não é tema ou conteúdo da educação, tampouco adjetivação de um tipo de educação e menos ainda assunto de certas disciplinas, mas antes a abordagem contemporânea a ser dada à educação como um todo, formal (da infantil à pós-graduação) e não formal. do meio ambiente como resultante da interação de seus aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais (RIBEIRO, 2003, p,17).

Se a educação ambiental é um tema tão plural e complexo, que demanda uma percepção ambiental do indivíduo integrada à tal complexidade, as maneiras e estratégias para efetivar essa educação para o meio ambiente não podem estar desconectadas a todo esse processo.

Por isso Ribeiro (2003) ressalta a necessidade de incluir em um plano estratégico de caminhos para educar para o meio ambiente, todas as esferas da vida social do indivíduo, demonstrando a importância da educação ambiental formal, não formal e, evidentemente destaca-se, nesta pesquisa, essa mesma importância atre-

lada aos caminhos para a educação ambiental através dos veículos midiáticos, notícias, pautas e abordagens da imprensa.

1.3 Caminhos para educar para o meio ambiente através da mídia

Após toda retomada de elementos basilares da educação ambiental, cientificamente é importante demonstrar como todos esses conceitos de percepção ambiental e das diretrizes de políticas públicas da educação ambiental no Brasil, e no mundo, podem auxiliar no traçado de caminhos, estratégias e possibilidades para o fortalecimento de uma real educação ambiental em nosso país.

Como recorte destes caminhos, o enfoque desse trabalho permeia diversas esferas abordadas ao longo deste e dos próximos capítulos e que podem contribuir para a melhoria da abordagem das pautas ambientais.

A percepção ambiental é um desses caminhos e pode auxiliar na construção de pautas ambientais, com complexidade, e que fujam apenas da noção rasa de que educar para o meio ambiente é incluir informações sobre normas contra a devastação ambiental.

Essa percepção ambiental, que pode auxiliar na construção das pautas, é a percepção refletida nas mensagens divulgadas pelo veículo, mas antes de tudo, é também a percepção individual do próprio emissor.

A maneira como o jornalista percebe o meio em que vive reflete diretamente no conteúdo que ele irá produzir, o que torna muito importante a presença de disciplinas nas grades curriculares que tragam esse tipo de abordagem para modificar o meio profissional e disseminar o conhecimento em educação ambiental.

Obviamente, a partir do momento que o indivíduo consegue absorver a percepção ambiental, vinculada ao autoconhecimento, com a modificações das ações cotidianas, o cumprimento das normatizações como as de preservação da natureza, acaba sendo quase automático.

Para alcançar esse patamar de educação ambiental da coletividade, esse senso de respeito com o meio em que se vive deve ser repassado das formas mais variadas possíveis, incluindo a educação formal e as pautas midiáticas.

A educação ambiental deve abranger pessoas de todas as idades e de todos os níveis, no âmbito do ensino formal e não-formal. Os mei-

os de comunicação social têm a grande responsabilidade de colocar seus enormes recursos a serviço dessa missão educativa. Os especialistas no assunto, e também aqueles cujas ações e decisões podem repercutir significativamente no meio ambiente, deverão receber, no decorrer da sua formação, os conhecimentos e atitudes necessários, além de detectarem plenamente o sentido de suas responsabilidades nesse aspecto (BRASIL, 2018, p.1).

Normativas e documentos na área são necessários pois, ao condensar todos esses ideais e pesquisas em textos, esses materiais facilitam a disseminação do conteúdo ampliando a possibilidade da criação de medidas que visem uma educação para o meio ambiente efetivo.

Para alcançar tais ambições, a EA tem buscado influenciar a política educacional de cada país. No Brasil, ela ganhou corpo com a lei 9795/99, que a instituiu. Esta educação é marcada pelas seguintes características, válidas na Declaração de Tbilisi e também na lei brasileira: enfoque orientado para a resolução de problemas; abordagem interdisciplinar; integração da educação na comunidade; caráter permanente, voltada para o futuro (deve absorver as mudanças e se reconstruir permanentemente, visando à qualidade de vida) (RIBEIRO, 2003, p. 20).

As recomendações retiradas das conclusões dos debates da **Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi (1977)**, não perderam a temporalidade e continuam atuais e de latente necessidade.

O primeiro princípio básico da conferência, divulgado na carta de recomendações é completamente atual e destaca a importância de “Considerar o meio ambiente em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e criados pelo homem (tecnológico e social, econômico, político, moral e estético)” (SEMA, 20018, p.3).

Educar para o meio ambiente a partir dessa noção múltipla do conceito de meio ambiente também requer estratégias diversificadas que agreguem toda essa complexidade com a articulação de disciplinas formais e a inserção da temática em disciplinas existentes para facilitar a percepção integrada sobre meio ambiente na tentativa de concretizar “[...] uma ação mais racional e capaz de responder às necessidades sociais” (SEMA, 20018, p.1).

Ou, ainda, como ressalta Jacobi (2003) sobre as ferramentas para educação ambiental em que “[...] a produção de conhecimento deve necessariamente contem-

plar as inter-relações do meio natural com o social” visto que produzir conhecimento também deve ser objetivo da imprensa (JACOBI, 2003, p.190).

Esse tipo de educação deve também possibilitar ao indivíduo compreender os principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe conhecimentos técnicos e as qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva visando à melhoria da vida e à proteção do meio ambiente, atendendo aos valores éticos. Ao adotar um enfoque global, fundamentado numa ampla base interdisciplinar, a educação ambiental torna a criar uma perspectiva geral, dentro da qual se reconhece existir uma profunda interdependência entre o meio natural e o meio artificial. Essa educação contribui para que se exija a continuidade permanente que vincula os atos do presente às consequências do futuro; além disso, demonstra a interdependência entre as comunidades nacionais e a necessária solidariedade entre todo o gênero humano. (BRASIL, 2018, p.1).

Quando as recomendações da conferência fazem referência à coletividade e solidariedade, fica evidente que educar para o meio ambiente é, também, uma estratégia de luta por um mundo mais igualitário e respeitoso, uma busca pela quebra do individualismo e de uma coletividade mais agregadora e respeitosa. É impossível tratar de educação ambiental sem perpassar questões sociais e de respeito à diversidade cultural.

Todo esse debate por caminhos possíveis para traçar estratégias que colaborem para a efetividade da educação ambiental a partir da imprensa não tem a possibilidade de se concretizar se não houver a intencionalidade do emissor. É neste ponto que ressaltamos a importância do Jornalismo Ambiental.

A função pedagógica da cobertura ambiental é retratada por Bueno (2007). Para o autor, esta missão alcança o êxito quando a complexidade do assunto chega ao público de maneira explícita, expondo causas e soluções de problemas e caminhos a serem seguidos.

O Jornalismo Ambiental não deve, especialmente, ser visto apenas como o exercício de uma atividade produtiva e remunerada, como a maioria das que estão disponíveis para os profissionais liberais, em todo o mundo, inclusive para a categoria dos jornalistas. O jornalista ambiental (e é isso que precisa ser trabalhado nas escolas e nas redações junto aos profissionais de imprensa do futuro) tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa conduz, inevitavelmente, à capitulação. (BUENO, 2007, p 36)

Bueno (2007), ao lembrar as funções do jornalismo ambiental, ressalta equívocos frequentes na cobertura sobre o tema. O autor afirma que, em geral, a mídia comete sete erros, chamados por ele de síndromes, que comprometem a qualidade da informação que chega ao público. A primeira⁶, apontada por ele, diz respeito a visão dos jornalistas e, principalmente, da tendência de segmentação exacerbada do jornalismo: a síndrome do olhar vesgo.

Para Bueno (2007, p 37), “tem a ver com o fechamento do foco da cobertura, a fragmentação que retira das notícias e reportagens ambientais a sua perspectiva inter e multidisciplinar.” Sendo assim, a falta de uma visão ampla, de conexões necessárias com o cotidiano, que envolvem perspectivas diferentes de análises, contribuem para uma percepção equivocada de meio ambiente, a partir do que é veiculado.

A mesma crítica é feita por Scharf (2014). A autora critica a falta de conectividade do tema com abordagens mais amplas e possíveis.

Tal deficiência se explica, em parte, por um erro histórico: achar que o meio ambiente só interessa a jovens românticos e idealistas. Por tradição ou preconceito, boa parte da imprensa trata a questão ambiental como algo superficial, espetacular, que atrai pelo que tem de belo ou destrutivo, e não por seu impacto concreto: político, econômico ou social. O valor da natureza é puramente estético, idealizado. Nada mais. (SCHARF, 2014, p 54)

Diante da fragilidade na cobertura das causas da temática ambiental, é importante lembrar que, pesquisas como esta, ajudam a gerar reflexões e traçar novas linhas de pensamento para o fazer jornalístico.

É na intencionalidade da construção da mensagem que reside a chave para a educação ambiental.

Deve-se tratar sobre normatizações e regras de conservação da natureza nas pautas, mas, antes de tudo há que se considerar que sendo o meio ambiente o espaço em que se habita, educar para o meio ambiente através da mídia é disseminar informações sobre respeito ao local em que se vive, à diversidade, à natureza e à vida coletiva em harmonia com os grupos sociais e a natureza.

⁶ Outras “síndromes” apontadas pelo autor podem ser acessadas em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897/8391>

1.4 Agronegócio e Meio Ambiente: uma relação em construção

A preocupação com o meio ambiente passou por um processo de institucionalização em todo o mundo. Os rumos incertos, traçados pelo *boom* do desenvolvimento econômico e as incertezas pós revolução industrial são apontados como o início de um olhar sobre a causa ambiental (Viola, 1987).

As consequências das bombas atômicas no fim da II Guerra Mundial, em 1945, catalisaram as discussões que foram estendidas às décadas seguinte. Foi a partir da década de 1960 que muitos grupos ligados a preservação surgiram, principalmente na Europa.

No Brasil, a institucionalização do movimento ecológico surgiu, em grande parte, da pressão internacional, segundo Viola (1987). No final da década de 60 e início da de 70, a ditadura militar passava por uma mudança de comando. O governo do país passava de Costa e Silva para Emílio Garrastazu Médici.

Os relatos históricos mostram que o auge da repressão, violência, perseguição e censura ocorreu neste período. O novo governo adotou a prática de repressão total aos meios de comunicação, instituindo o Ato Institucional nº 05, que eliminou as características do Estado Democrático de Direito, ao passo que se apropriava deles para fazer publicidade positiva do governo.

Um dos destaques da publicidade era a frase de impacto: “Brasil, Ame ou deixe-o”. A abertura do capital internacional e a adoção de uma política desenvolvimentista levou ao chamado “milagre econômico”, com taxas de crescimento jamais vista no país.

O programa de ação econômica do governo previa construção de grandiosas obras. Foi neste período que foram construídas a Usina de Itaipu, uma das maiores do mundo e a Ferrovia do Aço, a ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica (Matiello, C. Queluz, G. L. – 2011).

Segundo Viola (1987), para conseguir empréstimos para a construção dessas obras faraônicas, as instituições internacionais condicionaram a estruturação de uma política de preservação.

Foi em 1973 a criação da SEMA, Secretaria de Meio Ambiente. Em 1989 foi criado o IBAMA, Instituto Brasileiro de Meio Ambiente. Parte desta mobilização do governo foi motivada, também, pela péssima avaliação do Brasil na conferência de Estocolmo, em 1972, organizada pela ONU, Organização das Nações Unidas.

O fim da ditadura é apontada como outro ativador dos movimentos ecológicos no país. A volta de exilados que estavam na Europa, onde os grupos já estavam bastante mobilizados pela causa ambiental, fortaleceu a ideia por aqui.

Posteriormente a institucionalização da preocupação ambiental chega as empresas privadas, em grande parte com apelo publicitário e também para atender a demanda cada vez mais exigente dos mercados financiador e consumidor.

O “Marketing Verde”⁷ tornou-se um nicho de mercado para publicitários e estratégia para industriais e empresários. A preocupação ambiental passou a ser critério de qualidade, bastante explorado mercadologicamente (GUIMARÃES, C.; VIANA, L. S.; COSTA, P. H. de S. 2015).

Em um traçado histórico paralelo, a agricultura passava, neste momento, por uma segunda revolução. Depois da primeira, no sec. XVI, na Europa, onde foram dominadas as primeiras técnicas de plantio e utilização de instrumentos com tração animal, a nova fase marcava uma mudança.

Para Nunes (2007, p 01), após a Segunda Guerra Mundial, a agricultura transformou-se em função da “globalização econômica e pela constituição de grandes empresas, agroindústrias e varejistas, que controlam o mercado mundial”. Principalmente com o domínio de novas formas de energia e da genética, uma nova etapa da agricultura começava. O domínio de práticas para o plantio de monoculturas, principalmente puxada pelos Estados Unidos, logo foi internacionalizada.

Neste período, o Brasil, com grande extensão de áreas agricultáveis, registrou um imenso crescimento. A agricultura ganhou visibilidade por questões econômicas, políticas e sociais (NUNES, 2007). Nem toda visibilidade positiva, obviamente. Os números positivos, já mencionados neste trabalho, foram contrastados com outras questões.

⁷Para GUIMARÃES, C.; VIANA, L. S.; COSTA, P. H. de S.: “Uma empresa considerada ‘verde’ é aquela que aplica em toda a sua conjuntura investimentos e ações ambientais, desde a fabricação e a produção de bens até as suas relações com clientes, fornecedores e funcionários. É necessário traçar uma estratégia de marketing ambiental que esteja de acordo com o que se chama os três Rs da sustentabilidade: reciclar, reutilizar e reduzir, em todos os órgãos da empresa tanto no campo interno, promovendo a conscientização dos trabalhadores e estabelecendo a sustentabilidade como um dos valores da empresa, quanto no externo, influenciando fornecedores e clientes e a sociedade em geral para obtenção de práticas ecologicamente viáveis.”

A utilização de produtos químicos trouxe eficiência, diminuiu os riscos, estabeleceu recordes de produção, uniformizou produtos mundo afora, porém levantou questionamentos quanto a seus reflexos no meio ambiente. Os grandes impactos da produção agrícola, e aqui ampliamos o termo para agregar outros cultivos, gerou grande pressão sobre o setor.

O desmatamento ilegal para o avanço da agricultura e pecuária, o impacto da criação de gado na produção de gases que causam o efeito estufa, a contaminação de rios pelo uso de agrotóxicos, doenças causadas aos trabalhadores pelas lavouras de fumo, a utilização de mão-de-obra escrava e outros problemas ambientais e sociais fizeram surgir outras demandas.

O fato é que, nas últimas décadas, o campo passou a ser enxergado sob vários critérios. Por vezes, positivos e, muitas outras, negativos.

Uma série de mudanças na interpretação sobre o meio rural ocorreu no período em que a noção de agricultura familiar passou a ser adotada, particularmente a partir de meados dos anos 90. A mais importante delas é que, para um grande número de estudiosos e políticos (governantes, sindicalistas), o meio rural passou a ser considerado como espaço estratégico ao desenvolvimento, em oposição ao que predominantemente se considerava ser um espaço em vias de decomposição, que perdia cada vez mais em importância social e econômica. Pode-se considerar que isso ocorreu devido a alguns motivos: a difusão da “positividade da noção de agricultura familiar”; a emergência das questões ambientais; os problemas sociais decorrentes do desemprego e das dificuldades econômicas do Estado em desenvolver políticas de grande impacto social e econômico [reforma agrária, política industrial, etc.]. (NUNES, 2007 p 12)

É claro e evidente que, desde meados do século passado, a produção de alimentos e a preservação do meio ambiente estreitaram relações e passaram a protagonizar disputas, principalmente, ideológicas, políticas e econômicas.

A disputa por poder chegou a várias esferas sociais e se institucionalizou de forma ampla. Além de órgãos e entidades governamentais, já citados anteriormente, grupos sociais organizaram-se e deram origem a diversos movimentos.

O Cadastro Nacional de Entidades Ambientais (CNEA)⁸, ligado ao Ministério do Meio Ambiente, possui, atualmente, 672 entidades registradas que defendem interesses ligados ao meio ambiente.

⁸ Informações sobre o órgão podem ser acessadas pelo site: <http://www.mma.gov.br/port/conama/cnea/cnea.cfm>

Na política, as ideologias passaram a fazer parte de propostas partidárias, assegurando embates e discussões no legislativo. No congresso e no senado, grupos que defendem o mesmo interesse, chamados de Frentes Parlamentares, buscam representatividade e propostas que garantam direitos.

A Frente Parlamentar Mista da Agropecuária foi lançada em 2002. Atualmente, 228 deputados e 27 senadores fazem parte das discussões dos assuntos voltados para o setor. A presidente da Frente é a Deputada Tereza Cristina, do DEM (Democratas) – MS. Estimular a ampliação de políticas públicas para o desenvolvimento do agronegócio⁹ é um dos objetivos.

A Frente Parlamentar Ambientalista foi criada em 2015. Fazem parte do grupo duzentos e vinte e oito deputados e dezesseis senadores. O presidente é o Deputado Sarney Filho do PV (Partido Verde) – MA. Entre os objetivos estão a promoção de ações de proteção ambiental e desenvolvimento sustentável¹⁰.

Outras Frentes, com interesses específicos, como as que defendem a preservação de rios, biomas, ou setores do agronegócio como avicultura, também desenvolvem ações políticas. É válido ressaltar, também, que verifica-se a participação simultânea de parlamentares em mais de um grupo de discussão, como na ambiental e agropecuária.

No entanto, apesar do cenário demonstrar uma predominância de disputas, nem toda a relação existente entre meio ambiente e agronegócio é de distanciamento, da heterogeneidade de interesses, vínculos de diálogo estão sendo firmados, nos últimos anos. O Brasil é um exemplo pioneiro no mundo, desta iniciativa de aproximação.

⁹ O estatuto da Frente Parlamentar Mista da Agricultura está disponível em: http://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53476-integra.pdf

¹⁰ O estatuto da Frente Parlamentar Ambientalista pode ser acessado pelo link: http://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53448-integra.pdf

1.5 Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS): agronegócio e meio ambiente em um diálogo possível

Há dez anos, foi oficializada, no Brasil, uma experiência inédita. Um mesa de discussões com a missão de melhorar a relação entre os mais variados setores do agronegócio (produção, pesquisa, vendas, industrialização, transporte, sociedade civil, instituições financeiras, etc.) e ambientalistas. Em 2009 foi instituído o GTPS – Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável.

“O principal objetivo do GTPS é debater e formular os princípios, padrões e práticas comuns adotadas pelo setor com a premissa de construir uma pecuária sustentável, justa, ambientalmente correta, e economicamente viável” (GTPS, 2018)

A liderança do Grupo é alternada, sendo a gestão atual, 2017/2018, presidida, pela primeira vez, por um produtor rural. O sul-mato-grossense Ruy Fachini Filho¹¹, ligado à FAMASUL - Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul e presidente do Sindicato rural de Campo Grande – MS, está à frente das ações. Na vice-presidência, está a representante de uma instituição financeira. Thais Zylbersztajn Fontes, graduada em Veterinária e com especialização em Qualidade e Processos e MBA em Agronegócios na ESALQ-USP. Thais é a liderança do departamento de sustentabilidade da entidade. Na tesouraria, completando a diretoria, Sheila Guebara é Engenheira Ambiental com MBA em Agronegócio. Atua, desde 2015, como gerente de Relações Institucionais de uma empresa de saúde animal. Como é possível notar, a heterogeneidade é presente na gestão do grupo, o que assegura discussões amplas e representatividade variada.

Diversas entidades¹², nacionais e internacionais de preservação ambiental ajudam a desenvolver projetos para tornar a pecuária sustentável. Um dos produtos desenvolvidos pelo grupo e que está em fase de aplicação é o Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável, que indica ao produtor em qual nível de sustentabilidade a propriedade dele se encaixa, estabelecendo metas para melhoria contínua. Além disso, foi criado o Manual de Práticas para a Pecuária Sustentável, que visa uma

¹¹ A gestão do grupo está disponível em: <http://gtps.org.br/governanca/>

¹² Para conferir todas as entidades ligadas ao meio ambiente que participam do grupo acesse: <http://gtps.org.br/associados/#civil>

redução dos impactos gerados pela atividade, melhoria da qualidade de produção e melhores resultados socioambientais e financeiros.

No Brasil, representantes do grupo circulam em várias regiões para divulgar o trabalho, participando de feiras especializadas, eventos e palestras¹³.

Após a iniciativa brasileira, mesas redondas começaram a ser formadas em outras partes do mundo como: Estados Unidos, Colômbia, Uruguai, México, Austrália, Argentina e Paraguai. Outras atividades estão em andamento, como a Mesa Redonda Global e a Mesa Redonda Canadense.

Este exemplo se enquadra na complexidade que envolve esta relação que mostra cenários de disputas, mas também de possíveis entendimentos. Observando-se os possíveis caminhos entre meio ambiente e agronegócio, esta pesquisa encaminha-se para ampliar a discussão e relacioná-la com a comunicação.

¹³ A agenda de eventos pode ser acessada pelo site: <http://gtps.org.br/agenda/>

2. TELEVISÃO: MUITO ALÉM DO “BEM” E DO “MAL”

Há no âmbito dos estudos de televisão um problema sério de *repertório*. Conhecemos muito pouco o que a televisão produziu efetivamente, nos seus mais de 50 anos de história, ou conhecemos apenas o pior, como se só o pior fosse efetivamente *televisão*. (Machado, 2000. p 20)

As discussões entre os estudiosos sobre comunicação, em geral, polarizam as opiniões sobre os efeitos dos Meios de Comunicação de Massa na sociedade. Há quem destaque os efeitos “nocivos” dos meios, evidenciando a massificação da cultura, alienação da sociedade e instrumentalização da opressão hegemônica. Por outro lado, teóricos, que muitas vezes reconhecem efeitos negativos dos meios, priorizam a visão do espaço como oportunidade de contra hegemonia, educação, crítica social, serviço e utilidade pública.

De certa forma, o surgimento da televisão aguçou as discussões sobre estes efeitos. Mais uma vez, a polarização veio à tona. Machado (2000) simplifica as duas principais visões que norteiam esta divisão.

Se para Adorno a televisão é congenitamente “má”, não importando o que ela efetivamente veicula, para MC Luhan a televisão é congenitamente “boa” nas mesmas condições. Porque a imagem é granulosa, é “mosaicada” porque a sua tela pequena e de baixa definição favorece uma mensagem incompleta e “fria”, porque as suas condições de produção pressupõem processos fragmentários abertos e, ao mesmo tempo, uma recepção intensa e participante por razão desta espécie, a televisão nos proporciona uma experiência profunda que em nenhum outro meio se pode obter da mesma maneira. (MACHADO, 2000 p 18)

O fato é que, para “bem” ou para o “mal” os meios de comunicações passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas e a constituir novos elementos das práticas socioculturais.

Apesar da tradição dualista de pesquisa, uma série de estudiosos vêm buscando maneiras diferentes de explorar cientificamente o campo televisivo, desde o modo de fazer até os efeitos. Para Machado (2000) esta visão precisa ser superada.

Dizer que na televisão só há banalidade é um duplo equívoco. Em primeiro lugar, há o erro de considerar que as coisas são muito diferentes fora da televisão. O fenômeno da banalização é resultado de uma apropriação da cultura e pode ser hoje entendido a toda e qual-

quer forma de produção intelectual do homem. (MACHADO. 2000. p 9)

Tudo é uma questão de enfoque. Em lugar de prestar atenção apenas às formas mais baixas da televisão, a ideia é deslocar o foco para a diferença iluminadora, aquela que faz expandir as possibilidades expressivas deste meio. (MACHADO, 2000. P10)

Creio que já é tempo de pensar a televisão fora desse maniqueísmo do modelo ou da estrutura “boa” ou “má” em si. Quero dizer: é preciso (também) pensar a televisão como o conjunto dos trabalhos audiovisuais, (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem assim como cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas, mas, sobretudo, daquelas obras que a discussão pública qualificada *destacou* para fora da massa amorfa da trivialidade. O contexto, a estrutura externa, a base tecnológica também contam, é claro, mas eles não explicam nada se eles não estiverem referidos àquilo que mobiliza tanto produtores quanto telespectadores: as imagens e os sons que constituem a “mensagem” televisual. (MACHADO, 2000. p 19)

Nesta perspectiva de possibilidade, Machado (2000, p 10) propõe que é possível abordar a televisão de duas maneiras. Em uma delas “pode-se tomá-la como um fenômeno de massa, de grande impacto na vida social moderna, e submetê-la a uma análise de cunho sociológico, para verificar a extensão de sua influência.” O autor explica que neste caso a qualidade da programação tem pouca aplicabilidade, sendo referência a repercussão do que foi exibido, as experiências proporcionadas e o alcance dos resultados. A segunda opção, pode avaliar a televisão como “um dispositivo audiovisual, através do qual uma civilização pode exprimir aos seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças [...] Aqui, a questão da qualidade passa a ser fundamental.” (MACHADO, 2000. p. 12)

As discussões sobre os efeitos alcançam, também, interfaces da comunicação com outras áreas. Teóricos da educação, por exemplo, ainda debatem os reflexos do avanço dos Meios de Comunicação de Massa na formação pessoal e coletiva. Oliven (1972), em sua reflexão sobre as funções da educação no meio urbano afirma que a escola deixou de ser o centro de informações. Segundo Oliven (1972 p 59), “A criança, desde a mais tenra idade, começa a absorver informações que absorve por sua utilidade. Isto se dá pela televisão, pelo cinema, pela publicidade, jornais, revistas, etc.”

A televisão, entendida como aparato, trouxe novos elementos constituintes da comunicação. O novo meio, que passou a ganhar o espaço que, por muitos anos, foi exclusivo do rádio, trazia para o telespectador, até então acostumado com atrações auditivas, uma nova forma de compreensão do mundo. A informação visual exigiu mudanças, tanto para o modo de fazer conteúdo quanto para a recebê-lo. O texto, não mais descritivo, como no rádio, passava a compor a informação junto à imagem. O telespectador passava a enxergar e compreender também a partir do estímulo visual. O signo mais acessível a decodificação humana, a imagem, passava a fazer parte da rotina de milhares de brasileiros em meados do século passado. Jung (2013) fala sobre a perda de *status* do rádio e relata a força da TV na sociedade brasileira, alcançando, hoje 374 exibidoras de TV no Brasil. Segundo Jung (2013 p. 14), “vivemos em uma sociedade fascinada pela imagem, o que explica esse comportamento. [...] As emissoras de TV interferem profundamente a população, ditando costumes e apresentando tendências.”

Na prerrogativa do potencial educativo dos meios de comunicação, a TV concentra um papel importante na sociedade.

[...] a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico — de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria — é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISCHER, 2003, p. 15).

Para explicar a influência do aparato no contexto brasileiro, Temer (2011, p. 121) afirma que “no Brasil, esta questão está diretamente ligada ao telejornalismo, que atua como principal meio de informação para o público de baixa renda e uma considerável parcela da camada média da população”.

Na minha opinião, a televisão é e sempre será aquilo que nós fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver, ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribu-

indo para um conceito e uma prática de televisão. Nesse sentido, muitos discursos parecem estacionários ou conformistas, pois negligenciam o potencial transformador que está implícito nas posturas que nós assumimos com relação a ela; “nós”, aqui, abrange todos os envolvidos no processo: produtores, consumidores, críticos, formadores, etc. (MACHADO, 2000. p 12)

Com o “potencial transformador” da televisão, citado, acima, por Machado (2000), juntamente à referência feita por Kellner (2001) sobre a mídia em geral, na citação abaixo, abrimos caminho para novas reflexões que serão abordadas a seguir.

A cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização, suas imagens e celebridades substituem a família e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento. (KELLNER, 2001, p27)

As transformações políticas, sociais e econômicas citadas por Kellner (2001), originadas, segundo ele, pela “força dominante de socialização” dos meios, serão discutidas a seguir, por esta pesquisa, sob uma ótica já citada anteriormente: as representações. No primeiro capítulo, abordamos de forma breve o conceito de representação ligado ao meio ambiente. Neste próximo passo, aprofundamos um pouco mais no conceito para analisar as representações sociais e suas conexões com a televisão e a sociedade.

2.1 Representações Sociais: a televisão, a sociedade e a realidade

Há, sem dúvidas, no nosso cotidiano, mesmo que de forma involuntária, uma intensa negociação de significados e significantes. Nem tudo que se apresenta ao indivíduo toma-se como verdadeiro. O que representa algo ou alguém pode ser aceito ou não, como verdade. O fator tempo também interfere nesta apropriação do que nos apresenta como real.

A própria ciência faz parte deste movimento acíclico de representações. Pesquisas se renovam e mudam a todo o instante a nossa relação com os alimentos, por exemplo. O que um dia já foi vilão para a saúde, hoje é apontado como benéfico. Quantas vezes indivíduos são obrigados a repensar um significado pré-estabelecido? Quantas vezes o que era bom deixou de ser?

“Em todos os momentos (trabalhando em nossos escritórios, almoçando, em casa com a família assistindo televisão, conversando com os nossos amigos, praticando algum esporte, navegando na Internet, viajando nas nossas férias) estamos, sempre, negociando com os significados que nos chegam, que nos constituem a partir de uma rede de significação a que estamos visceralmente legados, dobrados, e através da qual vamos lendo e traduzindo o mundo. Muitos significados são transformados, ressignificados, dissolvidos, incorporados e aceitos diariamente nas inúmeras relações que tecemos.” (GUIMARÃES, 2003. p 237)

Como discutido no capítulo anterior, a televisão passou a ter um espaço imensurável no cotidiano das pessoas. Muito além do espaço físico ocupado pelo aparato, o bombardeio de informações audiovisuais emitidas por ela proporcionou uma nova forma de perceber o mundo. As imagens, carregadas de intencionalidades, os textos repletos de mensagens, explícitas ou não, sons, cores, movimentos, tudo permeado de significados que, absorvidos e processados, individualmente ou coletivamente transformam-se em representações de uma realidade construída.

Todas as pessoas que entram em contato com a realidade social constroem representações desta realidade em suas cabeças. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito do mundo, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e acredita que esses juízos correspondem à verdade. Ou seja, a verdade de cada um é a ideia do real que cada pessoa crê ser a mais fiel ao que efetivamente existe. (Silva, 1985. p 52).

O meio de comunicação que estabeleceu uma nova forma de disseminação de conteúdo rapidamente transformou-se num mediador importante. Conforme Silva (2000) a exemplo de outras instituições como a igreja, por meio do poder de seus sacerdotes, a escola com a representatividade do saber do professor, a indústria cultural, principalmente a televisão, também alcançou uma legitimidade em razão de suas características.

“A contemporaneidade e o realismo da TV reforçam esta aparência de objetividade. A câmera de televisão, em princípio, registra a verdade. E a verdade que acontece *agora*. Muito da imensa credibilidade que a TV desfrutou origina-se neste convicção que aquilo que ela mostra nas telas é verdadeiro e atual. (SILVA, 200 p 57)”

Deste modo, o real/virtual, mostrado pelas telas, pensado e emitido por alguém, com alguma intencionalidade, passou a formular, reformular, construir e des-

construir, questionar ou reafirmar representações que interferem diretamente no cotidiano social. Obviamente, não se pode, aqui, embarcar em uma crença de que este processo seja feito de forma amigável, automática e homogênea entre o público, que entendemos não ser um agente passivo do processo comunicativo. Mas, devido ao poder concebido aos atributos da televisão é impossível ignorar a grande carga de representações criadas por ela a todo o instante. Seus reflexos na sociedade são evidentes e precisam ser entendidos e estudados, já que “é com base nessas representações da realidade que o homens e mulheres pautam seu procedimento cotidiano” (Silva, 1985. P 52).

No caso do Brasil, o autor defende a ideia de que a interferência da televisão seja ainda maior.

“O concentracionismo da teledifusão, baixo nível de educação, alta qualidade da teledramaturgia, prolongado regime totalitário justamente nos períodos de 60 e 70, e a existência de uma hegemonia cultural mítica, numa população extremamente pulverizada por regiões de identidades culturais, bem distintas entre si – fez com que no Brasil a televisão se transformasse, mais que em representação, na própria expressão da realidade” (Silva, 1985 p 29).

MOSCOVICI (1978) afirma que as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são o resultado de representações que são facilmente aprendidas. “Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26). Sendo assim, o compartilhamento de simbologias e as trocas simbólicas que acontecem incessantemente vão interferir na construção do conhecimento e da cultura.

Sobre interferências nas práticas cotidianas, Berger e Luckmann (1985) propõem uma análise da sociedade a partir de duas óticas: a subjetiva e a objetiva. A objetiva seriam as ações postas pela realidade, construída antes do indivíduo se reconhecer como tal. Seriam as rotinas, as tradições, os hábitos, as convenções sociais em prática.

A subjetiva seria uma segunda etapa. Teria início a partir da interiorização da objetividade, seguida pela subjetivação e, conseqüentemente, após análises, questionamentos e comprovações, a objetivação, novamente.

Ampliando a discussão e partilhando dos conceitos da psicologia social, é reconhecido o potencial da interferência do indivíduo no grupo e as consequências dessa relação. Para Lane (1994):

“O homem age produzindo e transformando seu ambiente e para tanto ele pensa, planeja sua ação e depois de executada, ela é pensada, avaliada, determinando ações subsequentes, e este pensar se dá através dos significados transmitidos pela linguagem aprendida.”
(LANE, 1994 p 42)

Os meios de comunicação, como uma das instituições que interferem neste ciclo de “processamento” da realidade, teriam então, o poder influenciar em fases importantes da construção social da realidade. Isso aconteceria com a introdução de representações, novos questionamentos, novas informações que, por sua vez, teriam a objetivação modificada. No caso do jornalismo, este tem condições de modificar a sociedade a partir da função educativa, promovendo o conhecimento.

O cumprimento das premissas básicas do jornalismo ambiental influenciaria, portanto, na promoção do conhecimento através da introdução de novas representações, signos, que possam modificar as referências sobre meio ambiente. Este conhecimento implicaria em um novo mapeamento mental e conseqüentemente, numa ação diferente do indivíduo sobre o meio ambiente. Deste princípio, estas representações passariam a ser partilhadas pelo grupo.

Como esse trabalho concentra a atenção na temática ambiental e na sua relação com as notícias veiculadas no meio rural, a argumentação teórica, construída até agora, pretende demonstrar como a televisão tem um papel fundamental na produção de conteúdo, que gera representações, que por sua vez impactam na leitura de mundo feita pelo indivíduo e reflete na ação coletiva.

Entender este fenômeno é fundamental para que possamos ter uma comunicação mais responsável e mais coerência entre o que a televisão veicula e o que o meio ambiente representa.

A segmentação do jornalismo e suas reflexões teóricas são fundamentais para o desenvolvimento de cada área por meio de estudos, críticas, discussão de ideias. Neste trabalho explora-se uma interface entre as especificidades dos jornalismo Rural e Ambiental. Por isso, além da relação com meio ambiente, é preciso conectar-se às questões da interação da comunicação com o meio rural,

2.2 Comunicação: um olhar para o Rural

A comunicação é reconhecida, tanto na teoria quanto na prática, como um fator diretamente ligado ao desenvolvimento rural. Ainda neste ponto, não falamos em mídia, efetivamente. Os primeiros fluxos de informações, principalmente técnicas, que chegaram ao campo, tiveram ligação com o extensionismo rural.

Politicamente, a extensão rural adquire status de atribuição legal. É uma estratégia dos governos usar os funcionários das empresas de assistência técnica e extensão rural para repassar conhecimento, numa tentativa de padronizar a produção no campo e, ao mesmo tempo, fomentar um processo de modernização da atividade agrícola. O Objetivo não seria outro senão o de otimizar e aumentar a quantidade de alimentos e produtos que saem do campo e que representam uma fatia considerável da economia nacional em setores que vão da agropecuária até o lazer e o turismo rural. (Menicucci, 2016. p 61)

Menicucci resgata o histórico da implementação da extensão rural no Brasil. “A precursora foi a ABCAR – Empresa Brasileira de Crédito e Assistência Rural. Em 1974, o Ministério da Agricultura criou a EMBRATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica para substituir a ABCAR.” (Menicucci, 2016 p 62). Entre os objetivos da empresa estava a difusão de conhecimento e elaboração de projetos. A instituição foi desmembrada em unidades regionais, dando origem à sedes da EMATER – Empresa de assistência Técnica e Extensão Rural, distribuídas em cada estado brasileiro (Menecucci, 2016 p 62).

Mas a demanda de desenvolvimento no campo tomou proporções muito superiores a qualquer previsão, seja governamental ou privada. Os números gerados pelo campo, as conexões estreitadas com a cidade, a complexidade de um setor que passou a chamar a atenção do mundo geraram novas necessidades. A mídia passou a acompanhar de perto um “produto” lucrativo e cheio de caminhos a serem explorados. A publicidade cresceu os olhos. O jornalismo se rendeu aos assuntos que não diziam respeito apenas a um espaço físico distante. Estava longe das ruas e avenidas a explicação para muitas questões que envolviam a cidade. O jornalismo teve de se especializar para acompanhar as nuances e complexidades de um setor globalizado, competitivo, lucrativo polêmico.

Nas últimas décadas, os mais variados veículos abriram espaço para a demanda rural. A mesma demanda chegou às universidades, fazendo com que muitas

instituições incorporassem na grade a disciplina voltada para o rural. As pesquisas sobre o tema, ligadas à comunicação, também ganharam atenção.

Somente a produção de conhecimento sobre a realidade social, cultural e comunicacional das populações que vivem no campo e se dedicam as tarefas agrárias e pastoris, poderá conduzir o melhor dimensionamento dos modelos e das estruturas, os quais determinam a circulação e o consumo das mensagens dirigidas ao mundo rural. (Melo, 1993, p 77)

A Rede Globo foi uma das pioneiras a exibir um programa jornalístico especializado em rural. Da mesma forma, as afiliadas, em vários estados, seguiram a tendência e criaram programas regionais com assuntos do campo.

Para alcançar os resultados propostos por esta pesquisa, de conhecer as características da cobertura ambiental feita pelos programas Globo Rural e MS Rural, serão apresentados, agora, os objetos de estudo.

2.3 O Globo Rural: pioneirismo na TV brasileira

O Globo Rural, da Rede Globo, está no ar há 37 anos. A primeira edição foi exibida no dia 06 de janeiro de 1980. A proposta de ter na grade de programação um horário voltado para o campo surgiu com o desenvolvimento da produção agrícola iniciado uma década antes.

No final da década de 1970, tornara-se evidente a importância do setor rural e das indústrias ligadas à agropecuária para a economia do Brasil, país que detém uma das maiores áreas cultiváveis do mundo. O número de televisores em zonas rurais já ultrapassava os quatro milhões, o que revelava um grande potencial dessas regiões em termos de audiência e anunciantes. Nesse contexto, a Rede Globo encomendou ao então diretor da Central Globo de Jornalismo em São Paulo, Luiz Fernando Mercadante, a criação de um programa que se dedicasse especialmente a informar e a prestar serviços para o homem do campo.” (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

No aniversário de 1 ano de exibição, o Globo Rural fez uma grande reportagem sobre o Pantanal, “Descobrimos o Pantanal”, citando a divisão do, então, Estado de Mato Grosso, originando Mato Grosso do Sul. A reportagem está no site do programa na internet¹⁴ e mostra as belezas naturais além de relatar a preocupação

¹⁴ A reportagem pode ser acessada pelo link

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globo-rural.htm>

dos pantaneiros com a construção de barragens para a instalação de usinas hidrelétricas na região. Eram demonstrações de que o programa não deixaria de lado pautas críticas envolvendo o meio ambiente.

Em outubro do ano 2000, o Globo Rural ganhou uma versão diária, que no início era de trinta minutos e passou a uma hora. Em 2014 o programa diário perdeu espaço na grade da emissora, dando origem ao Telejornal “Hora 1”.

O programa voltou a ter apenas a edição semanal, com uma hora de duração, aos domingos as oito horas da manhã. Em sua página na internet, mantém a seguinte definição como proposta: “Apresenta reportagens e prestação de serviços voltados para o homem do campo”. Segundo Mourão (2013, p.51), “retrata o universo do campo, apresentando notícias que interessam ao agricultor, como a previsão do tempo, eventos sobre agropecuária, receitas e dicas de tratamento de espécies animais e vegetais”. Muitos jornalistas passaram pela apresentação do programa, que hoje é apresentado por Helen Martins e Nelson Araújo.

A linguagem é uma grande preocupação editorial. Isso é comprovado com a “cartilha” criada pelo programa com recomendações editoriais sobre “como fazer” o material para o programa. A “cartilha”, chamada de ABC do Globo Rural¹⁵ traz direcionamentos aos profissionais envolvidos na produção do programa, contendo desde os critérios de noticiabilidade às críticas aos “vícios” jornalísticos.

Ao longo das últimas décadas o programa disputou e venceu prêmios importantes no país¹⁶. Um dos jornalistas mais premiados da história, conhecido como “o repórter do século”, José Hamilton Ribeiro fez história no programa. Ele passou a fazer parte da equipe do Globo Rural em 1982 e até hoje é exemplo de narrativa que expressa a identidade do programa¹⁷.

Além dos jornalistas, o Globo Rural conta com uma equipe técnica de profissionais especialistas das áreas ligadas ao campo para a produção de conteúdo.

Na proposta de ampliar o contato com o mercado crescente no Brasil e com o homem do campo, a Editora Globo lançou a Revista Globo Rural, transmitindo pela

¹⁵ O ABC do Globo Rural está disponível em <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2011/01/abc-do-globo-rural.html>

¹⁶ Os prêmios conquistados pelo programas estão disponíveis em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globo-rural/premios.htm> acessado em 18 de maio 2018.

¹⁷ A história do repórter José Hamilton Ribeiro está disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/jose-hamilton-ribeiro/trajetoria.htm>

mídia impressa a linguagem de sucesso, até então, na televisão. Com o avanço das mídias digitais, a revista e o programa televisivo migraram para a internet. No portal de notícias da Globo, o G1.com.br, o Globo Rural posta na íntegra todos os programas veiculados pela TV. O mesmo acontece com a revista que tem um site fora do portal, o www.revistagloborural.globo.com.

Apostando no setor agrícola, em junho de 2016 a Rede Globo lançou a campanha: “Agro, a indústria-riqueza do Brasil”¹⁸, com o slogan - “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, que destaca a importância do agronegócio na vida do brasileiro. O projeto prevê a exibição de 52 vídeos institucionais com informações sobre os principais ciclos produtivos do país, como milho, café, frango, arroz, laranja, flores, soja. Os vídeos citam quantidade de produção, exportação e empregos gerados pelo setor¹⁹.

¹⁸ Mais detalhes sobre a campanha podem ser vistos em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/>

¹⁹ As informações sobre o programa, utilizadas nesta pesquisa, estão disponíveis em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globo-rural/evolucao.htm>

2.4 O MS Rural

A TV Morena iniciou suas atividades em Mato Grosso do Sul em 1965 fundada por Eduardo Elias Zahran. O empresário ganhou a concessão da emissora que, no mesmo ano, colocou no ar seu primeiro telejornal “Notícias do dia”. A programação era retransmitida de emissoras paulistas. O Contrato com a Rede Globo foi firmado em 1976, ano em que houve uma reformulação no jornalismo da emissora (MOURÃO, 2013). Hoje a emissora chega aos 79 municípios do Estado de Mato Grosso do Sul com público atingido de 2.662.244 de pessoas.

O MS Rural, da TV Morena, é o pioneiro e mais tradicional, especializado em rural no Estado. O programa é semanal e está no ar desde 1984, chegando a um público plural.

O programa vai ao ar todos os domingos com horário de referência de 6:25. Pesquisa feita pela emissora em abril de 2017 aponta que o número de telespectadores por programa é de 62.236. Durante a semana, a TV Morena exibe chamadas na programação (espaço publicitário), normalmente em horário nobre (entre as 19h e 22h) e nos telejornais locais, antecipando os assuntos da próxima edição. Nota-se uma tentativa de diversificação das chamadas, ora feita no estúdio, ora fora, com participação de repórteres e principais imagens das reportagens que serão exibidas.

A apresentação do programa, no decorrer dos anos teve alterações, variando entre um e dois apresentadores. O primeiro apresentador foi o jornalista Osmar Bastos, um dos criadores do programa. Hoje, quem está à frente do MS Rural é o jornalista Edevaldo Nascimento. As equipes de reportagem também sofreram alterações com o tempo, passando por equipes fixas, dedicadas exclusivamente à produção do rural e equipes escolhidas de acordo com a escala geral da emissora afiliada na capital. As matérias geradas pelo interior são, normalmente, feitas por repórteres escolhidos por critérios de escala e tempo disponível para a produção.

O programa trata de assuntos voltados ao campo e suas conexões com a cidade, seguindo a linha nacional do programa Globo Rural, da Rede Globo. Embora haja espaço para os assuntos urbanos, eles, necessariamente, precisam ter ligações com o campo. Por isso, a linguagem de áudio (texto narrativo, trilhas sonoras, vinhetas) e vídeo (imagens, caracteres, efeitos de vídeo) são direcionadas ao público rural. Na apresentação do programa feita pela própria emissora e divulgado a espectadores e anunciantes: “O programa tem o objetivo de levar ao seu público

informações do mundo rural do Estado e tudo que seja pertinente ao dia-a-dia de quem trabalha com agronegócios, como cotações, agenda de palestras, cursos e últimas notícias. Público-Alvo: Agropecuaristas, profissionais da área, técnicos, empresários e profissionais liberais ligados aos temas de interesse.”

As reportagens mostram diversas regiões do estado, com frequência maior para as localidades onde a TV Morena possui emissora ou repetidora (Corumbá, Ponta Porã, Dourados, Três Lagoas e Campo Grande).

O programa tem sua importância no histórico da imprensa sul-mato-grossense, pois durante anos divulgou o homem do campo no Estado do Mato Grosso do Sul. O programa norteia sua pauta à diversificação da agropecuária, valorizando e educando as boas práticas no campo e incentivando a adoção de novas tecnologias. A cultura regional, com ênfase para as receitas culinárias, tem sido destaque nas edições divulgadas, assim como o enfoque econômico também é muito explorado (MOURÃO, 2013 p. 51).

De acordo com a pesquisa de audiência solicitada pela emissora, entre os telespectadores com mais de 18 anos em Campo Grande, 43% são mulheres, 37% homens e 20% são crianças e adolescentes (sexos masculino e feminino). Conforme a classificação de renda utilizada pela metodologia da pesquisa, onde AB são as faixas de maior renda e DE as de menor renda, a audiência em relação ao poder aquisitivo divide-se em (com idade superior a 4 anos): AB-15%, C1-34%, C2-19%, DE-32%. Os dados correspondentes as emissoras de Dourados e Corumbá, bem como outros dados sobre Campo Grande estão anexos a esta pesquisa.

Com os objetos apresentados, no próximo capítulo, a pesquisa apresenta a metodologia e os dados obtidos com suas respectivas análises.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Para alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, optou-se pela seguinte metodologia: análise de conteúdo.

O método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) foi o escolhido para direcionar esta pesquisa. A autora divide o processo em três etapas principais: a pré-análise, a exploração do material/tratamento dos resultados e, por fim, inferência e interpretação.

A pré-análise consiste na organização da pesquisa, fase em que foram definidos o objeto, o recorte e a organização dos próximos passos. Nesta etapa foi realizado um grande levantamento bibliográfico sobre o assunto, que integrou várias perspectivas, paradigmas e áreas de conhecimento. Durante a fase de pesquisa exploratória foram feitos ensaios de análises teóricas e coletas de dados. Em um primeiro momento, foram analisados 4 meses de programas (de janeiro à abril de 2016), para localização e avaliação do registro de ocorrências no recorte determinado.

Na segunda fase, a exploração do material, foi feito o acompanhamento do conteúdo exibido. Os programas MS Rural e Globo Rural foram analisados de julho de 2016 à junho de 2017. Neste período, foram veiculadas cinquenta e duas edições do MS Rural, totalizando 14:24'41" (quatorze horas, vinte e quatro minutos e quarenta e um segundos) e cinquenta e duas edições do Globo Rural, que somadas, chegam ao tempo total de 31:07'41" (trinta e uma horas, sete minutos e quarenta e um segundos).

O recorte, de doze meses, compreende o ciclo completo (preparo, plantio, desenvolvimento das plantas e colheita) de produção dos principais cultivos do país, no caso de grãos, como soja e milho, além de acompanhar o andamento de outros produtos, como a carne e leite, na pecuária, também conhecidos por serem produtos cíclicos, ou seja, que têm interferências sazonais de acordo com o período do ano.

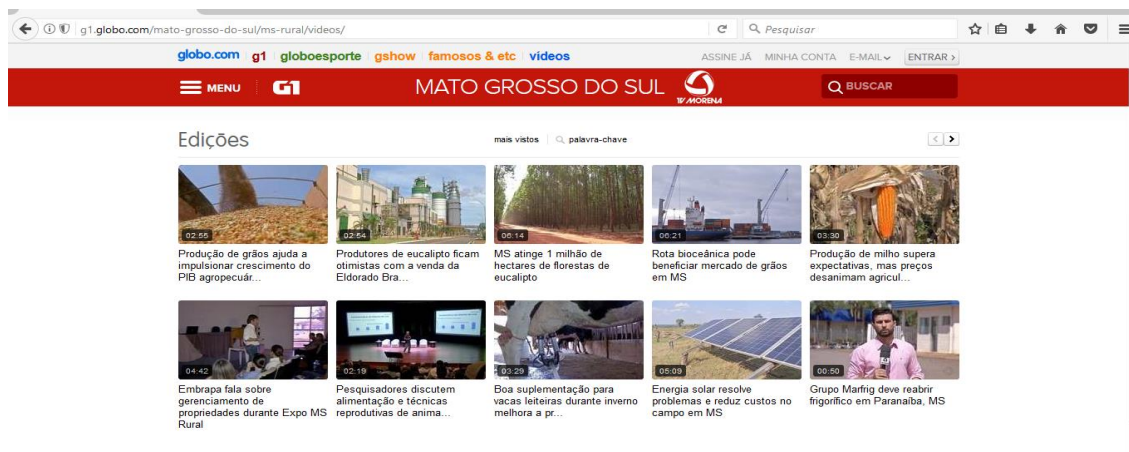
Por opção metodológica, diante do tamanho do recorte, as edições foram monitoradas após a exibição pela TV, por meio dos sites dos programas na internet²⁰. Através do portal de notícias, *online*, as emissoras migram o conteúdo exibido na TV para o canal, na íntegra. A postagem é separada por dia de exibição. Um calendário dá

²⁰ O site do MS Rural na internet é <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/ms-rural/videos/>.

O site do Globo Rural na internet é o <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/edicoes/2017>

acesso às edições e permite ao internauta escolher um programa. Os programas são divididos em quadros, cada um contendo um assunto, conforme figuras 1 e 2, abaixo.

Figura 1 – Site do MS Rural



Fonte: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/ms-rural/videos/>

Figura 2 – Site do Globo Rural



Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/>

Cada quadro é acompanhado de um enunciado que apresenta o assunto da reportagem. Este serviu para dar indicativos do enquadramento da reportagem, mas, a categorização, efetivamente, foi feita pela avaliação da “cabeça²¹”, anunciada pelos apresentadores. Esta escolha metodológica foi feita em função da importância da estrutura na composição e transmissão da informação. Entende-se, portanto, que se o conteúdo está na “cabeça” da reportagem é porque ele é destaque.

Alcure (2011) afirma que o texto lido pelos apresentadores tem a principal missão de despertar a curiosidade de quem assiste, sendo fundamental no processo comunicativo. A autora classifica a cabeça da reportagem como “locomotiva, cujo apito anuncia a chegada do trem”. Sendo assim, o assunto principal da reportagem deve estar contido na informação destacada pelo apresentador.

Para classificar as reportagens foram estipuladas palavras-chave, a partir da verificação de ocorrências. As categorias foram classificadas em: economia/mercado/política, clima/tempo/ciclo produtivo, cultura/sociedade, meio ambiente, orientação técnica/pesquisa/tecnologia, doenças/pragas, curiosidades e conflitos agrários.

Para o enquadramento da editoria de “Economia, Política e Mercado” foram selecionadas as palavras: lucro, prejuízo, mercado, preço, valor, venda e compra. Elas indicam reportagens direcionadas, principalmente, aos impactos financeiros da produção, que retratam números, indicativos, tendências. Enquadram-se nesta categoria medidas políticas (projetos, leis, medidas provisórias) que interferem na rotina do setor, normalmente ambientadas na Capital federal, Brasília, onde encontram-se o senado e a câmara de deputados. As palavras contemplam também os assuntos referentes a “mercado”, indicando cenários de comercialização. A conquista de autorização para vender carne para algum outro país é um exemplo disso.

“Ciclo Produtivo/Clima/Tempo” registram as palavras: chuva, estiagem, seca, plantio, colheita, transporte e lavoura. Nesta categoria, são enquadrados os assuntos referentes, exclusivamente, às etapas previstas para a produção, como o plantio, o desenvolvimento da cultura e a colheita, no caso da agricultura, e/ou vinculadas

²¹ *Lead* ou a cabeça da matéria é o texto que vai ser lido pelo apresentador e, como tal é parte da reportagem, componente da história, início da matéria, introdução do que vem a seguir. Deve conquistar, seduzir e convidar o telespectador a assistir a reportagem. Deve *agarrar* o telespectador na hora. Deve servir de isca para prender a atenção de quem está vendo TV. (PATERNOSTRO, 2006. P. 146)

aos impactos dos fenômenos naturais. Início do plantio, colheita atrasada, falta de chuva e indicativos de safra são os enfoques mais registrados.

Enquadram-se na editoria de “Cultura e Sociedade” as palavras: festa, tradição, música, cultura, história, costumes e homenagem. Reportagens com vínculos à tradição de diferentes regiões do país, religiosidades, mulher no campo, educação rural são as de maior ocorrência.

As matérias de “Pesquisa/Tecnologia/Orientação Técnica” são selecionadas pelas palavras: tecnologia, inovação, especialista, orientação, dicas, resposta, técnico. Neste enquadramento estão as reportagens direcionadas a pesquisa aplicada ao setor do agronegócio, alternativas inovadoras e orientação técnica para obtenção de bons resultados nas propriedades.

“Doença e Pragas” são retratadas por: praga, doença, ataque, medicação e inseticida. Nesta categoria os assuntos normalmente são bem específicos com as duas primeiras palavras evidenciadas acima.

Na categoria “Curiosidade” foram selecionadas as palavras: curioso, dúvida, pergunta, raridade, impressionante e desconhecido. Aqui são registradas reportagens focadas em assuntos que fogem a rotina e tornam-se notícia. Um exemplo de curiosidade seria o nascimento de animais raros, ou de múltiplos filhotes em espécies que não registram esta ocorrência.

“Conflitos Agrários” são registrados pelas palavras: conflito, disputa, brigas, sem-terra, mortes, polícia e tiros. Esta categoria evidencia a disputa no campo, normalmente marcada por crimes, mortes coletivas e investigações.

Para a categoria “Meio ambiente”, enfoque desta pesquisa, foram elencadas as palavras: meio ambiente, sustentabilidade, ecologia, florestas, mata, preservação, desmatamento e queimadas. Reportagens voltadas para esta temática são, na maioria das vezes, evidentes em função das palavras-chave. Em alguns casos, estão implícitas ou vinculadas à palavras semelhantes às escolhidas. Mostram, por exemplo, biomas como o Pantanal, a Amazônia, o Cerrado, a Mata Atlântica e os impactos sofridos por eles. Retratam espécies da fauna e da flora, ações de educação ambiental, denúncias ou apenas de contemplação da natureza. Desta análise criteriosa, ora objetiva, ora subjetiva, foram retirados os dados que serão analisados neste capítulo da pesquisa.

Para chegar ao resultado quantitativo da pesquisa, foram contabilizados o tempo total, tanto do MS Rural, quanto do Globo Rural, especificando, ainda, tempo

destinado a cada categoria/editoria e o número de reportagens. Com isso foi possível gerar gráficos e tabelas com indicadores da ocorrência de cada categoria, em cada programa, e suas representatividades em relação ao tempo de exibição total.

No caso do Globo Rural, foi quantificada a participação de cada Estado brasileiro nas reportagens exibidas nacionalmente. Com isso foi possível identificar a visibilidade dada, individualmente, em relação ao todo e, principalmente, à participação do Estado de Mato Grosso do Sul no programa. O trabalho apresenta um gráfico, também, de participação por regiões do país.

Para aprofundar o entendimento sobre o objeto, foram captados os dados referentes a participação de todos os estados na produção de conteúdo ligado à categoria “Meio Ambiente”. Com isso foi possível identificar a proporção da participação de MS com reportagens ligadas ao tema em relação a outros estados. Para uma visão complementar, separamos os dados dos estados aglutinados por suas respectivas regiões do país. Assim, identificamos a participação do Sudeste, Centro-Oeste, Sul, Norte e Nordeste no parâmetro de produção. Ainda nesta categoria, elencamos os assuntos mais tratados dentro da temática, como: preservação ambiental, agrotóxicos, queimadas, desmatamento e outros

A metodologia levou em consideração a possibilidade de palavras-chave diferentes ocorrerem no mesmo enunciado. Nesta hipótese, o contexto da chamada foi analisado e interpretado para definir em qual categoria a reportagem seria encaixada. Ainda na possibilidade de um enunciado caracterizar mais de uma categoria, o tempo total da reportagem foi dividido igualmente entre elas.

Na terceira fase, de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, foram organizados os dados obtidos para a elaboração dos indicadores. Foram gerados gráficos e tabelas que facilitaram a visualização e a interpretação dos números.

Os dados a seguir trazem respostas das perguntas/problema que deram origem a esta pesquisa. Eles vão mostrar a quantidade de espaço dado às causas ambientais nos programas analisados, possibilitando visualizar os quantitativos estadual e nacional, registrar os assuntos referentes ao meio ambiente mais abordados, identificar a participação do Estado de Mato Grosso do Sul no programa Globo Rural, quantificar, do total, qual é a contribuição da afiliada de MS na produção nacional sobre o tema específico, além de identificar a participação de cada estado na produção total e de meio ambiente no Globo Rural.

Análise de dados do MS Rural

A análise do programa MS Rural totalizou, como já foi apresentada, cinquenta e duas edições. Ao todo, foram veiculadas 234 reportagens com tempo total de 14:24'41" (quatorze horas, vinte e quatro minutos e quarenta e um minutos).

“Economia, Mercado e Política” teve o maior registro de ocorrência, com o tempo de 5:14'23" (cinco horas, quatorze minutos e vinte e três segundos), o que representa 36,36% do tempo total analisado.

A categoria “Ciclo produtivo, Clima e Tempo” aparece com a segunda maior ocorrência, com tempo de 3:24'21" (três horas, vinte e quatro minutos e vinte e um segundos) ou 26,23% do tempo total.

Com 19,73% do tempo total de 2:50'38" (duas horas, cinquenta minutos e trinta e oito segundos), a categoria “Pesquisa, Inovação e Orientação Técnica” registra a terceira maior ocorrência no programa.

A editoria “Meio Ambiente”, foco desta pesquisa, registrou o tempo total de 2:08'15" (duas horas, oito minutos e quinze segundos), equivalendo a 14,83% do tempo total exibido.

Os tempos de cada editoria/categoria e o número de matérias exibidas entre o período de julho de 2016 até junho de 2017 estão no quadro a seguir:

Quadro 1 - Tempo de matérias exibidas por editoria/ MS Rural

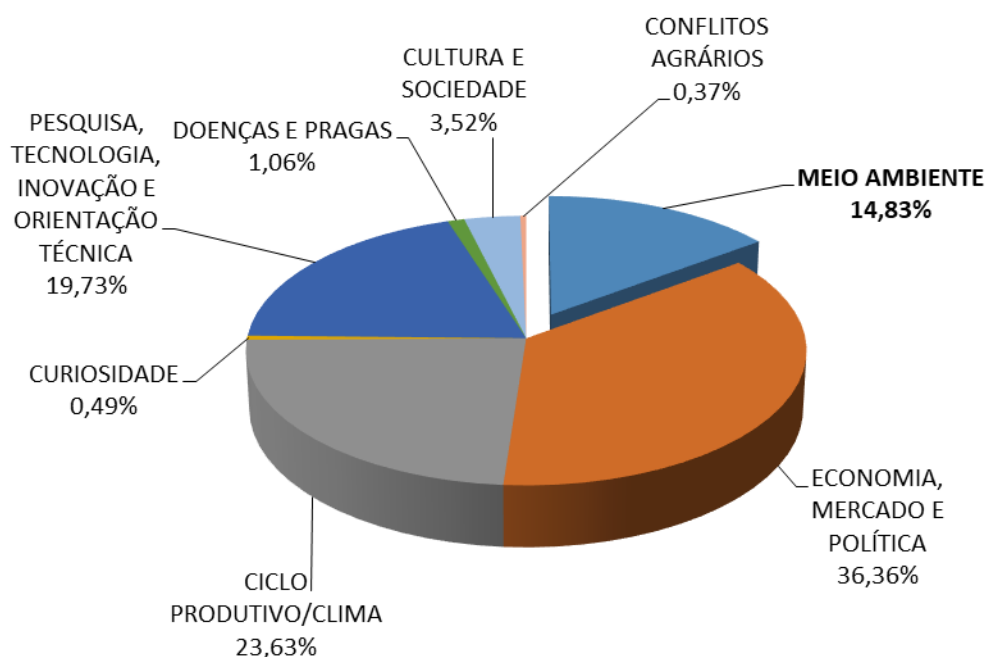
NÚMERO DE MATÉRIAS	MEIO AMBIENTE	ECONOMIA, MERCADO E POLÍTICA	CICLO PRODUTIVO/CLIMA	CURIOSIDADE	PESQUISA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ORIENTAÇÃO TÉCNICA	DOENÇAS E PRAGAS	CULTURA E SOCIEDADE	CONFLITOS AGRÁRIOS	TEMPO TOTAL
234	2:08:15	5:14:23	3:24:21	0:04:16	2:50:38	0:09:10	0:30:25	0:03:13	14:24:41

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

A representatividade do tempo, em porcentagem do conteúdo total exibido, está demonstrado no gráfico a seguir:

Autor: Eloise Saldívar Silveira

Gráfico 2 - Editoriais MS Rural em proporção de tempo



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Os dados mostram que o MS Rural dedicou-se prioritariamente, durante o período estudado, aos assuntos que envolvem questões econômicas, políticas e de mercado, voltadas para o setor do agronegócio. Reportagens referentes aos preços dos produtos, custos de produção, ampliação ou retração de mercado e exportações da produção obtiveram mais espaço no programa. Este dado revela que, no critério de escolha de notícias do programa, as importâncias econômica e política do setor e seus impactos na rotina do Estado foram determinantes e tiveram prioridade.

Sem remeter aos aspectos econômicos, mas ao mesmo tempo interligada com o desempenho financeiro da atividade agrícola, a segunda categoria de maior evidência, “Ciclo Produtivo, Clima e tempo” demonstra a preocupação em acompanhar o andamento dos ciclos produtivos, atualizando, semanalmente, o público sobre as nuances da produção e expectativas do produtor e de representantes de outros elos.

Em terceiro lugar, as tecnologias agregadas à produção, as inovações que impactam no desempenho do setor e as orientações que visam o aprimoramento da

produção mostram a decisão editorial de manter o público atualizado. Pesquisas e projetos desenvolvidos por instituições estão entre as principais reportagens da categoria.

A categoria que atrai a atenção especial desta pesquisa, “Meio Ambiente”, que aparece em quarto lugar, mostrou, principalmente, reportagens com preocupação pelo uso agrotóxicos, impactos da pecuária no Pantanal e os benefícios para o meio ambiente da integração de culturas. As demais editorias somam pouco mais de 5% do tempo total.

Quando a referência é o número de matérias, a sequência de ocorrências segue inalterada, nas quatro primeiras posições. Noventa reportagens sobre “Economia, Política e Mercado”, sessenta e uma para “Ciclo Produtivo, Clima e Tempo”, quarenta para “Pesquisa, Tecnologia, Inovação e Orientação Técnica e vinte e nove reportagens sobre “Meio Ambiente”.

Os dados obtidos possibilitaram calcular a média de tempo das reportagens de cada categoria. É neste ponto que a pesquisa mostra uma realidade quantitativa que merece atenção, por gerar reflexões que serão exploradas na sequência.

O quadro, a seguir, mostra esta média de tempo das reportagens:

Quadro 2 - Tempo médio de matéria, por editoria, no MS Rural

EDITORIAS	NÚMERO DE MATÉRIAS	TEMPO TOTAL	MÉDIA
MEIO AMBIENTE	29	2:08:15	0:04:25
ECONOMIA, MERCADO E POLÍTICA	90	5:14:23	0:03:30
CICLO PRODUTIVO/CLIMA	61	3:24:21	0:03:21
CURIOSIDADE	1	0:04:16	0:04:16
PESQUISA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ORIENTAÇÃO TÉCNICA	40	2:50:38	0:04:16
DOENÇAS E PRAGAS	3	0:09:10	0:03:03
CULTURA E SOCIEDADE	9	0:30:25	0:03:23
CONFLITOS AGRÁRIOS	1	0:03:13	0:03:13
TEMPO TOTAL	234	14:24:41	0:03:42

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Quando analisada sob a perspectiva do tempo de reportagem, a editoria de “Meio Ambiente” registra a maior média com 4’25” (quatro minutos e vinte e cinco segundos). Isso significa que, pela média proporcionada na divisão do tempo de ca-

da editoria pelo número respectivo de matérias, as reportagens de meio ambiente são mais extensas do que as outras editorias. Isso, em tese, representa uma abordagem mais aprofundada, com mais tempo para ouvir fontes (entrevistados), pontos de vistas diferentes e outras possibilidades.

Um exemplo de material extenso foi no dia 14/05/2017 em que o programa MS Rural apresentou uma reportagem²² de 9'00" (nove minutos). Curiosamente, esta reportagem, a mais longa exibida no período estudado, tem o estado vizinho, Goiás, como cenário. Ela apresenta um exemplo de sustentabilidade na produção, a partir da integração entre lavoura, pecuária e floresta. Ao passar o cursor do *mouse* sobre a imagem da reportagem aparece o texto: É um sistema sustentável que avançou muito nos últimos 10 anos no Brasil". A "cabeça", lida pelos apresentadores, em tom de conversa, não remete ao assunto meio ambiente, diferentemente do texto da reportagem e da fala dos entrevistados:

"Apresentadora: Integrar diferentes sistemas produtivos, agrícolas, pecuários e florestas, tudo dentro de uma mesma área. E Mato Grosso do Sul é exemplo de sucesso, não é mesmo Edevaldo? **Apresentador:** É isso mesmo, Flávia. O estado é um dos maiores do país com áreas com este tipo de sistema. Tanto que os casos de sucesso daqui, já servem de exemplo para outras regiões. O repórter cinematográfico Chico Gomes e eu fomos até Goiás para mostrar o trabalho de uma rede de fomento que estimula e dá apoio a produtores que decidem apostar na integração destas culturas."

A reportagem apresenta casos de sucesso na integração entre lavoura, pecuária e floresta, modelo tido como eficiente e benéfico ao meio ambiente. Foram ouvidos cinco produtores rurais, três pesquisadores, um representante de um grupo de fomento, que tem a intenção de divulgar pesquisas científicas voltadas para o setor e duas participações do repórter Edevaldo Nascimento, conhecidas, na estrutura da reportagem, como "passagem". A reportagem ambienta propriedades rurais, que são modelo no assunto, além de eventos em que se reuniram representantes de diversas áreas ligadas ao setor.

Apesar deste trabalho não estar voltado para analisar os elementos qualitativos dos objetos, é fundamental salientar, a partir deste exemplo, que a qualidade do

²² A reportagem pode ser acessada pelo link: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/ms-rural/videos/t/edicoes/v/em-goias-uma-rede-de-fomento-faz-integracao-de-lavoura-pecuaria-e-florestas/5865672/>

material está diretamente ligada a quantidade e diversificação de fontes, abordagens, perspectivas, que são possíveis, principalmente, devido ao fator tempo.

Sobre o tema Meio Ambiente, foram elencados os assuntos que mais ocorreram no período estudado, conforme quadro abaixo:

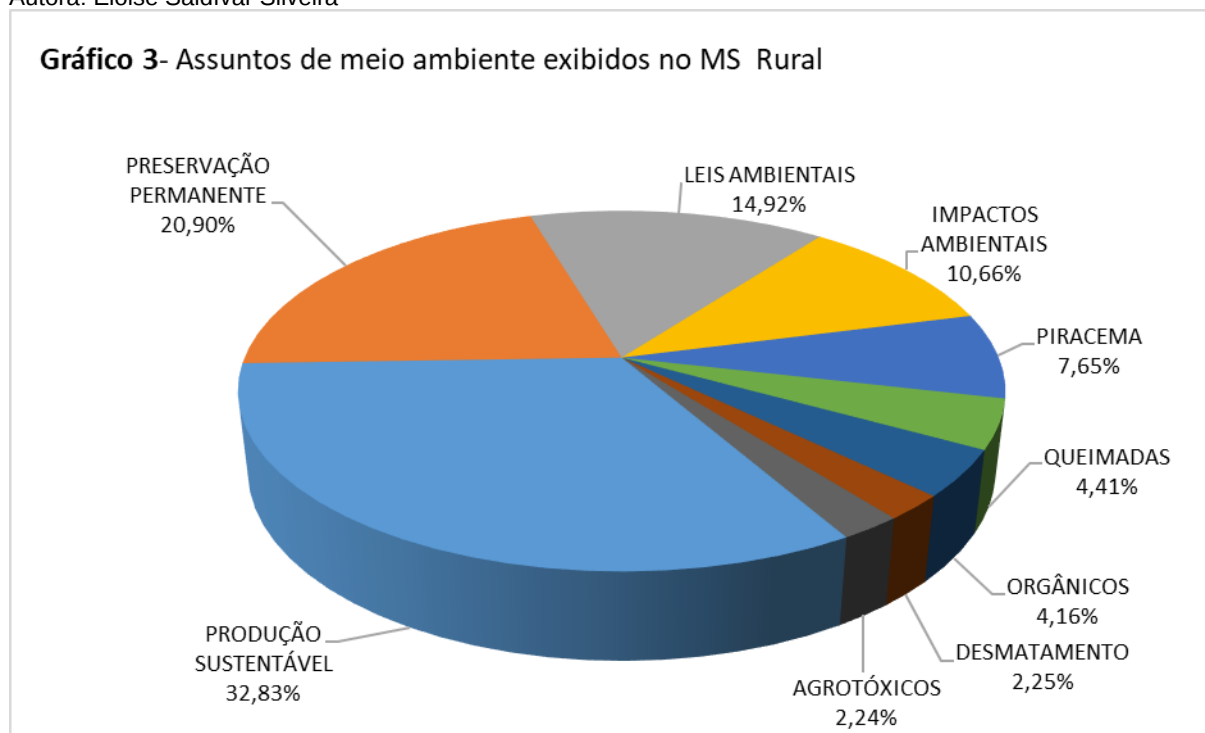
Quadro 3 - Assuntos de meio ambiente mostrados no MS Rural e seus respectivos tempos

ASSUNTOS	TEMPO
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL	00:42:06
PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	00:26:48
LEIS AMBIENTAIS	00:19:08
IMPACTOS AMBIENTAIS	00:13:40
PIRACEMA	00:09:49
QUEIMADAS	00:05:39
ORGÂNICOS	00:05:20
DESMATAMENTO	00:02:53
AGROTÓXICOS	00:02:52
TEMPO TOTAL	02:08:15

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

A proporção dos tempos citados no quadro acima está contida no gráfico a seguir:

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Estes dados mostram a preocupação editorial em exibir conteúdos voltados a exemplificar, ensinar ou valorizar iniciativas de produções que levam em consideração um equilíbrio ambiental.

Dentro deste assunto, destacamos, separadamente, outros subtemas como orgânicos, agrotóxicos que poderiam estar contidos na mesma categoria, mas por serem relativos a ampla divulgação e alvo de críticas ou elogios, este trabalho optou por especificar o tempo dado a eles. Isso acontece com outros assuntos como “Preservação de Fauna e Flora” que poderia englobar as categorias de “queimadas”, “Desmatamento”, mas pelo mesmo motivo foram separadas.

É importante salientar que dois, dos principais assuntos, que envolvem agrotóxico e meio ambiente, ficaram nas últimas posições, no período de coleta de dados, com menor tempo de exibição: desmatamento e agrotóxico.

Além da categoria ‘Meio Ambiente’, “Curiosidades” e “Pesquisa, Tecnologia, Inovação e Orientação Técnica” tiveram tempo superior à média do programa, que é 3’42” (três minutos e quarenta e dois segundos).

A categoria de “Economia, Mercado e Política” aparece em seguida com tempo médio de 3’30” (três minutos e trinta segundos). Isso indica que apesar de ter o maior número de matérias, os conteúdos são tratados de forma mais objetiva, com tempo médio mais curto que categorias que ocorrem em menor quantidade, como as citadas acima.

Com isso, conclui-se que o programa MS Rural priorizou assuntos relacionados à parte econômica do meio rural, mas não deixou de abordar os assuntos relacionados ao meio ambiente.

Análise de dados do Globo Rural

A análise do Globo Rural levou em consideração cinquenta e duas edições, totalizando o tempo de 31:07’41” (trinta e uma horas, sete minutos e quarenta e um segundos). As análises, a seguir, foram fundamentadas em 539 reportagens, exibidas entre os meses de julho de 2016 e junho de 2017.

A editoria de “Ciclo Produtivo” responde pela maior parte do tempo exibido, no recorte desta pesquisa. Ao todo foram 6:50’36” (seis horas, cinquenta minutos e trinta e seis segundos).

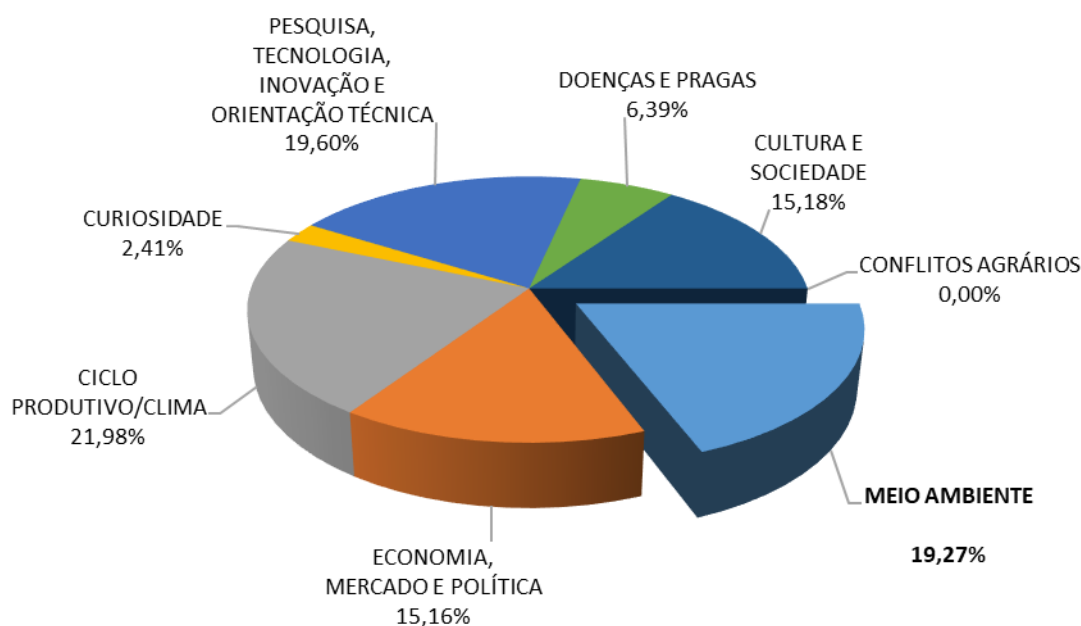
A categoria “Pesquisa, Tecnologia e Inovação” tem a segunda maior visibilidade, tendo o tempo de exibição como referência, no programa Globo Rural, com o tempo de 6:06’06” (seis horas, seis minutos e seis segundos). “Meio Ambiente”, com 5:59:57” (cinco horas, cinquenta e nove segundos e cinquenta e sete segundos) tem a terceira maior exibição.

O tempo de “Economia, Política e Mercado” aparece em quarto, com 4:43’12” (quatro horas, quarenta e três minutos e doze segundos), seguido de “Cultura e Sociedade”, com 4:43’31” (quatro horas, quarenta e três minutos e trinta e um segundos).

A quantidade de tempo em proporção do total exibido, destas e das outras categorias estão no gráfico que segue:

Autora: Eloise Saldívar Silveira

Gráfico 4 - Editorias exibidas no Globo Rural em proporção do tempo total



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

A quantidade de tempo em que “Ciclo Produtivo, Tempo e Clima” esteve em evidência, mostra uma dominância dos assuntos voltados ao desenvolvimento dos cultivos e da interferência dos efeitos naturais sobre eles. Excesso de chuva, seca prolongada e seus efeitos sobre plantio e a colheita são as principais abordagens retratadas.

“Pesquisa, Tecnologia, Inovação e Orientação Técnica” ocupam a segunda maior visibilidade no programa com 19,60% do tempo exibido. Esta editoria tem bastante ocorrência por vários motivos. Um deles é o quadro, fixo, em que são respondidas cartas dos telespectadores, sobre dúvidas relacionadas aos cultivos, pedidos de orientações e outros assuntos.

Por tradição, o programa recorre a instituições de ensino e pesquisa que são referências em cada demanda. É preciso ressaltar que, na grande maioria dos casos, a reportagem com as respostas dos telespectadores é feita por uma equipe do Globo Rural, de São Paulo, que viaja o País para entrevistar os pesquisadores. Entre as instituições mais procuradas estão a Embrapa, Institutos Federais e Universidades.

No programa Globo Rural, a editoria de “Meio Ambiente” esteve no ar durante 5:59’57” (cinco horas, cinquenta e nove minutos e cinquenta e sete segundos), sendo o terceiro maior tempo. Entre os enfoques dados a esta editoria estão: os efeitos da produção sobre os biomas nacionais, como o Cerrado, o Pantanal e a Mata Atlântica. Neste ponto, vale ressaltar, que o programa fez reportagens especiais sobre a degradação do Rio São Francisco. Conforme mapa²³ da bacia hidrográfica, o nasce no Estado de Minas Gerais, passa pelo Estado da Bahia, percorre a divisa com Pernambuco e divide Alagoas e Sergipe, até desaguar no Oceano Atlântico.

A exibição da série sobre o rio foi relacionada a exibição da novela “Velho Chico” pela Rede Globo que ficou no ar entre os meses de março e setembro de 2016. A trama envolveu romances e principalmente críticas sociais e ambientais, ligadas ao Rio São Francisco e sua exploração. As reportagens foram produzidas percorrendo toda a extensão do leito e tiveram média de tempo superior a 10’00” (dez minutos). Mais detalhes sobre a produção de conteúdo de meio ambiente serão apresentados a seguir, na apresentação de dados específicos sobre o tema.

“Cultura e Sociedade” aparecem em quarto lugar com 15,18% do tempo de exibição. Foram apresentadas reportagens com cunho histórico e cultural, além de problemas sociais enfrentados por moradores da área rural. Esta categoria foi privilegiada em exibição, também, por englobar um quadro fixo do programa que apre-

²³ O mapa que mostra da nascente à foz do Rio São Francisco pode ser acessado pelo link https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwivmqDkjN7aAhUHIJAKHYVjATMQjRx6BAGBEAU&url=https%3A%2F%2Fasnovedades.com.br%2Fmapa-dos-rios-da-bacia-hidrografica-de-sao-francisco-para-colorir%2F&psig=AOvVaw259VUFcXRfo9_uYEPBMNV&ust=1525043738740642

senta os cartazes enviados por telespectadores das festas tradicionais e dos eventos programados para a semana seguinte. Isso faz com que, em todos os programas, a categoria registre pelo menos uma ocorrência.

“Política, Economia e Mercado” estiveram no ar 15,16% do tempo total. São matérias que abordam as questões financeiras, de alterações de mercado, de compra e venda e projetos políticos que alteram o setor. Muitas dessas reportagens ambientadas em Brasília-DF. Nesta editoria também foi alocado o quadro fixo sobre cotações dos principais produtos, como preço do milho, da soja e da arroba do boi, que vão ao ar em todos os programas.

Quando o referencial é o tempo médio de reportagem, de cada categoria, novamente, assim como no programa MS Rural, a editoria de “Meio Ambiente” aparece com mais tempo por material. Na divisão do tempo pelo número de matérias, chega-se a média de 8’34” (oito minutos e trinta e quatro segundos) por reportagem.

Na sequência aparecem “Doenças e Pragas” com média de 4’58” (quatro minutos e cinquenta e oito segundos), “Ciclo Produtivo, Clima e Tempo” com 4’04” (quatro minutos e quatro segundos), seguido por “Cultura e Sociedade” com tempo de 3’41” (três minutos e quarenta e um segundos).

As outras editorias estão no quadro que segue:

Quadro 4 - Tempo médio de reportagem em cada editoria do Globo Rural

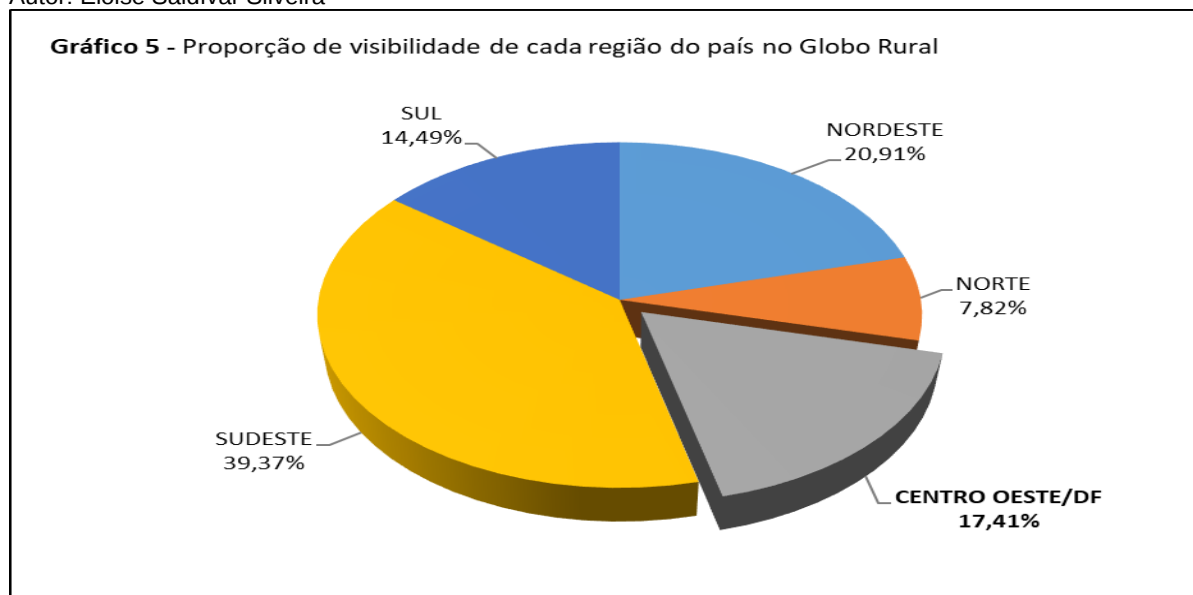
EDITORIAS	NÚMERO DE MATÉRIAS	TEMPO TOTAL	MÉDIA
MEIO AMBIENTE	42	5:59:57	0:08:34
ECONOMIA, MERCADO E POLÍTICA	123	4:43:12	0:02:18
CICLO PRODUTIVO/CLIMA/TEMPO	101	6:50:36	0:04:04
CURIOSIDADE	36	0:45:00	0:01:15
PESQUISA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ORIENTAÇÃO TÉCNICA	126	6:06:06	0:02:54
DOENÇAS E PRAGAS	24	1:59:19	0:04:58
CULTURA E SOCIEDADE	77	4:43:31	0:03:41
CONFLITOS AGRÁRIOS	0	0:00:00	0:00:00
TEMPO TOTAL	529	31:07:41	0:03:32

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

O próximo dado mostra o conteúdo a participação de cada região do país no programa Globo Rural.

Por tempo de exibição, o sudeste aparece com a maior visibilidade, seguido do nordeste, sul, centro-oeste e norte, conforme gráfico abaixo.

Autor: Eloise Saldívar Silveira



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

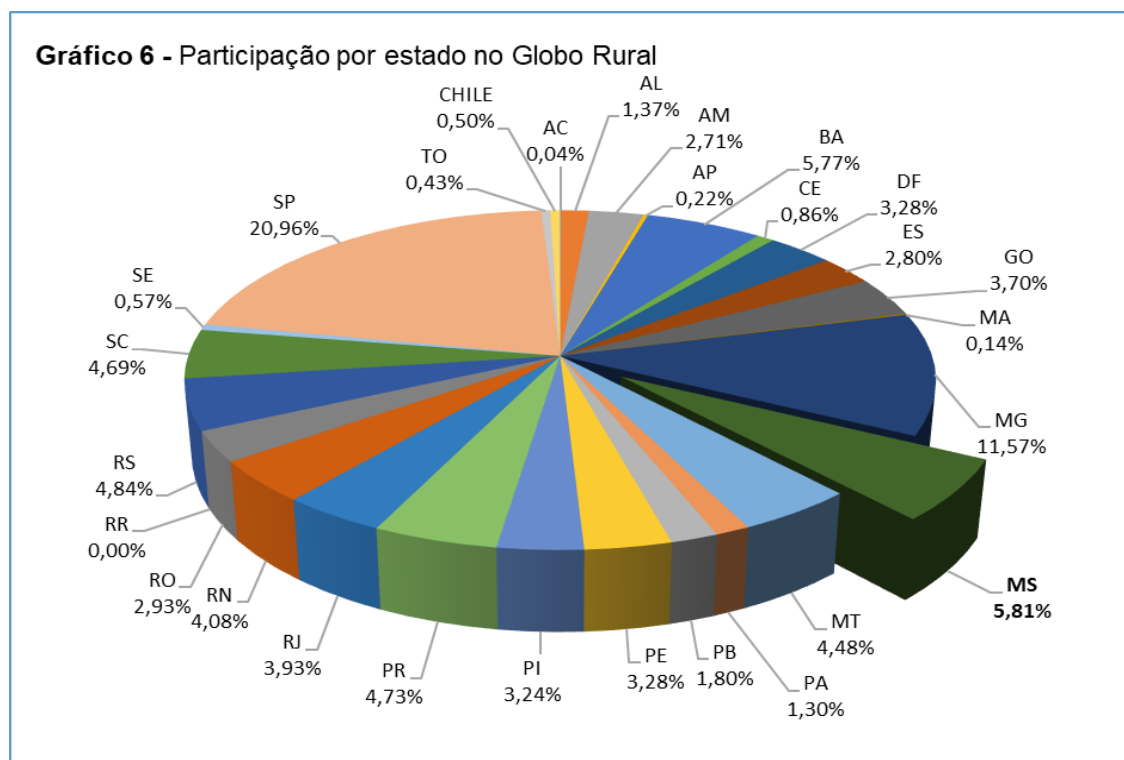
Fica evidente que os maiores tempos são destinados às regiões responsáveis por grandes cultivos, como soja, milho, cana-de-açúcar, carne, café e leite. A região com maior espaço, sudeste, compreende os três maiores Produtos Internos Brutos (PIB) do País (IBGE, 2014²⁴), respectivamente, São Paulo (R\$ 1,86 trilhão – 32,2%), Rio de Janeiro (R\$ 671,08 bilhões – 11,6%) e Minas Gerais (R\$ 516,63 bilhões – 8,9%).

Esta pesquisa dedicou-se, também, a quantificar a participação dos estados brasileiros no Programa Globo Rural. Para esta análise foi levada em consideração a cidade onde a equipe de reportagem foi fazer a gravação. Alguns vídeos não enquadraram nesta avaliação, como as respostas de cartas enviadas por telespectadores respondidas no estúdio, o quadro “cotações”, o quadro “cartazes de eventos da semana” e outras participações que não mostravam ambiente externo com identificação do local.

²⁴ Os dados estão disponíveis em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/9460-contas-regionais-2014-cinco-estados-responderam-por-quase-dois-tercos-do-pib-do-pais.html>, acessado em 11/04/2018.

Reportagens que foram produzidas em mais de um estado, com repórteres diferentes ou não, tiveram o tempo total dividido entre eles. Por várias vezes uma reportagem foi dividida entre dois, três, quatro ou mais estados. Cada um teve seu tempo computado separadamente. Analisando os dados, o Estado de São Paulo foi o que esteve mais tempo em evidência, com 6:00:50 (seis horas e cinquenta segundos). A hipótese para esta participação maior pode ser a proximidade com o centro produtivo da emissora, além da grande quantidade de universidades e centros de pesquisas instaladas no Estado. Como este dado não faz parte do objetivo específico desta pesquisa, não foi realizada uma análise mais aprofundada para confirmação, ou não, da hipótese. O Estado de Minas Gerais aparece em segundo lugar, com o tempo de 3:19'12" (três horas, dezenove minutos e doze segundos). Minas possui grande participação com assuntos relacionados ao cultivo de café, reportagens ligadas ao Rio São Francisco, de cunho cultural e pesquisas. Vale salientar que na Capital, Belo Horizonte, a emissora é a Globo Minas, não sendo uma empresa afiliada. Os dois estados (SP e MG), juntos, representam 32,33% do que foi exibido no período. O gráfico a seguir contém a participação em porcentagem dos estados no programa Globo Rural, tendo o tempo de exibição como referência.

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

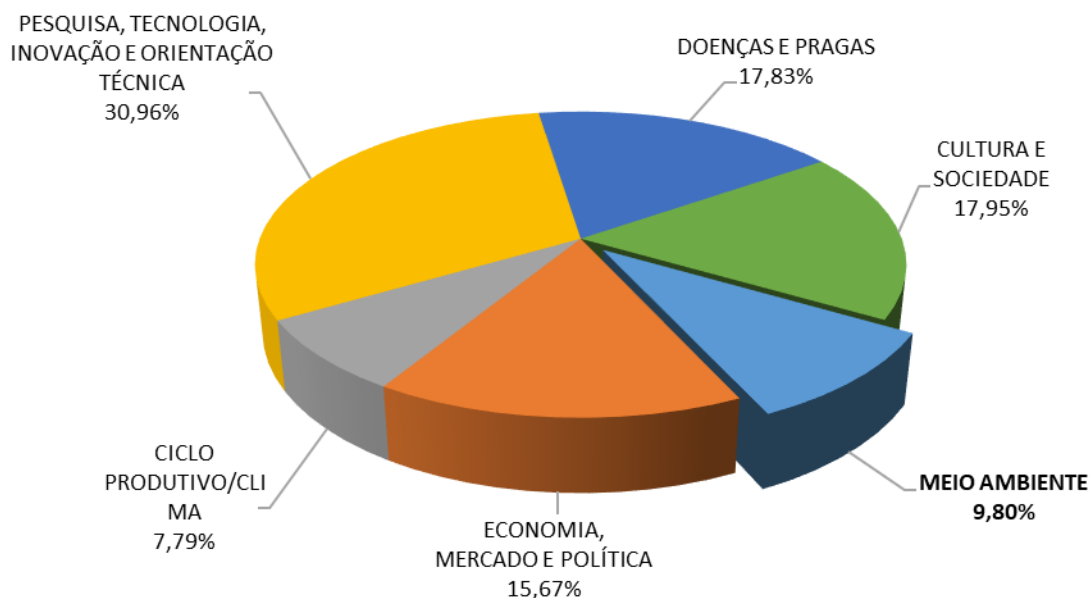
Mato Grosso do Sul foi cenário para vinte e oito reportagens no Globo Rural no período estudado (Julho/2016 à Junho/2017), que somaram o tempo de 1:50'24" (uma hora, cinquenta minutos e vinte e quatro segundos), representando 5,81% do tempo total. "Pesquisa, Inovação e Tecnologia" foi a editoria de maior participação, com 34'11" (trinta e quatro minutos e onze segundos) do tempo total em que MS apareceu no Globo Rural. Uma das explicações está na busca por informações técnicas. O Estado é referência em pesquisa em diversos assuntos. Nestas reportagens, as Embrapas instaladas no estado, os Institutos Federais, e as Universidades forneceram técnicos para que pudessem explicar, ensinar ou dar orientações.

"Cultura e Sociedade", com 19'49" (dezenove minutos e quarenta e nove segundos) teve a segunda maior participação, principalmente devido às reportagens especiais, com foco histórico/cultural/artístico, feitas sobre o "Ipê", espécie de árvore bastante encontrada, principalmente no cerrado, contando história de pessoas e lugares. Nessas reportagens foram visitados vários estados e Mato Grosso do Sul foi citado com o exemplo de um artista que destina seu trabalho à homenagear a espécie. O Estado foi citado, também por ter em sua paisagem muitos exemplares da espécie. Embora essas reportagens tratem de uma espécie de árvore, os enfoques foram direcionados para outras editorias.

A terceira maior participação do Estado aparece na categoria "Doenças e Pragas". Ao todo, 19'41" (dezenove minutos e quarenta e um segundos) foram destinados a mostrar os problemas que afetam a produção no estado. Levando-se em conta a importância da participação do agronegócio do Estado no PIB (Produto Interno Bruto) do país, conforme escrito anteriormente, é compreensível a atenção dada ao desenvolvimento dos cultivos em MS. Da mesma forma a visibilidade dada à categoria "Economia, Política e Mercado" com tempo de 17'18" (dezessete minutos e dezoito segundos) e "Ciclo Produtivo", com 8'36" (oito minutos e trinta e seis segundos). O Estado, tem a participação de 14'49" (quatorze minutos e quarenta e nove segundos) na editoria de "Meio Ambiente" no programa nacional. O gráfico a seguir demonstra, em porcentagem de tempo, a participação de cada categoria:

Autora: Eloise Saldívar Silveira

Gráfico 7 - Participação de Mato Grosso do Sul no Globo Rural



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Os dados a seguir mostram um aprofundamento da investigação sobre meio ambiente no programa Globo Rural. Especificamente, dentro do tema, foram elencados os assuntos mais tratados.

Do tempo total de “Meio Ambiente”, 5:59’57” (cinco horas, cinquenta e nove minutos e cinquenta e sete segundos), reportagens sobre “preservação ambiental” estiveram no ar durante 1:11’02” (uma hora, onze minutos e dois segundos) contendo denúncias, alertas, mostrando iniciativas para reduzir impactos e outras abordagens.

Resultado de uma série de reportagens produzidas no Rio Grande do Norte, o tema “reutilização de água” teve o segundo maior tempo entre os assuntos, com 50’49”), seguido por iniciativas de “produção sustentável”, como a integração entre lavoura, pecuária e floresta, com tempo de 48’14”.

Desmatamento, queimadas, impactos ambientais, orgânicos, reflorestamento/agrofloresta, bioenergia, ecoturismo, agrotóxicos e legislação ambiental entram na lista. Algumas destas reportagens foram ao ar no mês de janeiro de 2017, mas já

havam sido publicadas em 2016. Isso ocorre porque o programa faz uma retrospectiva das melhores reportagens exibidas no ano anterior. Em vários casos, as reportagens são reeditadas e ficam com tempo mais curto do que a original.

Ao falar sobre o assunto impactos ambientais, muitas reportagens citam o termo “agroecologia”. A Embrapa²⁵ – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, define o termo como “estudos sobre tecnologias para sistemas orgânicos de produção ou em transição agroecológica que possibilitam benefícios ambientais, sociais e econômicos”.

Os dados referentes aos assuntos mais tratados em “meio ambiente” podem ser vistos no quadro a seguir:

Quadro 5 - Assuntos sobre meio ambiente tratados no Globo Rural

ASSUNTOS	TOTAL
ORGÂNICOS	00:31:11
AGROTÓXICOS	00:08:05
REUTILIZAÇÃO DE ÁGUA	00:50:49
REFLORESTAMENTO/AGROFLORESTA	00:28:22
QUEIMADAS	00:32:59
DESMATAMENTO	00:36:00
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL	00:48:14
LESGISLAÇÃO AMBIENTAL	00:00:44
BIOENERGIA	00:13:54
ECOTURISMO	00:08:33
IMPACTOS AMBIENTAIS	00:30:04
PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	01:11:02
TOTAL	05:59:57

Fonte: dados coletados por esta pesquisa

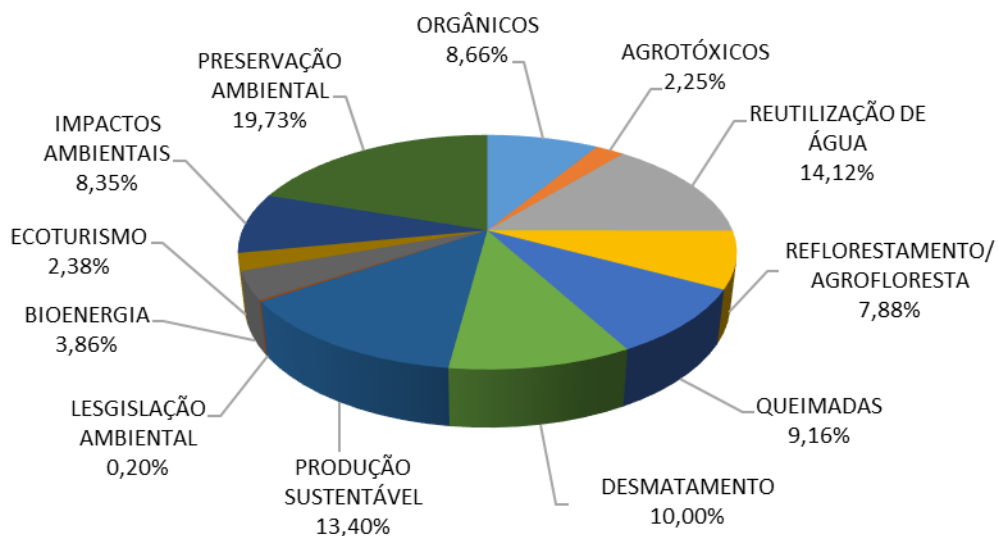
A proporção em tempo, de cada assunto sobre meio ambiente no Globo Rural está apresentada no gráfico seguinte:

²⁵ Mais informações sobre o termo “agroecologia” podem ser obtidas pelo site:

<https://www.embrapa.br/agrobiologia/pesquisa-e-desenvolvimento/agroecologia-e-producao-organica> acessado em 14/042018.

Autora: Eloise Saldívar Silveira

Gráfico 8 - Assuntos de Meio Ambiente apresentados no Globo Rural



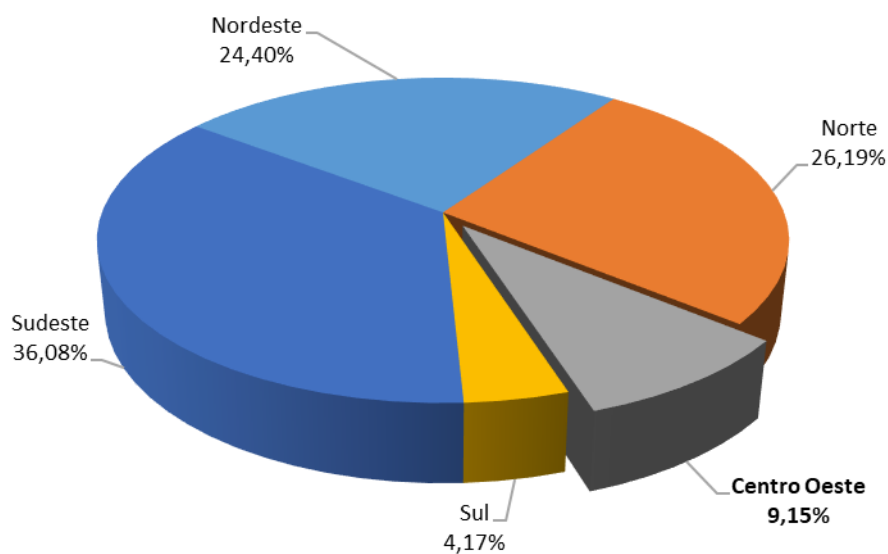
Fonte: dados coletados pela pesquisa

Os dados a seguir mostram outras características da cobertura de meio ambiente no Globo Rural.

O gráfico, que segue, mostra, por regiões do país, a produção de meio ambiente no programa Globo Rural.

Autora: Eloise Saldívar Silveira

Gráfico 9 - Meio Ambiente por regiões no Globo Rural



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

Na região Sudeste, o Estado que mais aparece em reportagens é São Paulo. Reflorestamento e preservação ambiental são os principais assuntos tratados no Estado. Minas Gerais, aparece em assuntos como o desastre ambiental ocorrido pelo rompimento da barragem de Fundão, que inundou, principalmente, a cidade de Mariana-MG, além de outras na região, afetando, também, o Rio Doce. Além disso, a série, já mencionada sobre o Rio São Francisco, que nasce no estado, e uma série de reportagem sobre a espécie de árvore Ipê foram filmadas em MG. O Estado do Rio de Janeiro participou com reportagens sobre produção orgânica e um especial sobre o dia da água, enfocando a economia do bem natural.

Em segundo lugar aparece a região Norte, com 26,19% do tempo exibido. Destaque para o Estado do Amazonas, cenário para grandes reportagens sobre desmatamento ilegal. Três delas com tempo somado de 36'00" (trinta e seis minutos) mostraram como a ação ilegal destrói a Amazônia. Ainda no norte, destaque para Rondônia, que teve participações expressivas pelo número de queimadas e por exemplo de produção sustentável. O Pará também participou com exemplo de comércio e consumo de bens naturais de forma sustentável.

No nordeste, Pernambuco aparece com uma série de reportagens sobre o reaproveitamento de água e produção de biogás. A alternativa de gerar renda por meio de recursos naturais sem danos ao meio ambiente foi mostrada a partir de um exemplo de Alagoas. Outro estado que merece destaque, na região nordeste, é o Rio Grande do Norte, que apresentou uma série sobre exemplos de reaproveitamento de água.

No Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul foi citado na série de reportagens sobre o Ipê, mostrando regiões do Pantanal onde a espécie impressiona pela beleza, além de um artista que tem a árvore como inspiração para o trabalho. Outra participação de MS foi para tratar da apreensão de agrotóxicos contrabandeados do Paraguai. Quando o assunto é meio ambiente, queimadas são o principal motivo de aparição de Mato Grosso no programa.

No Sul do país, o Paraná foi citado em reportagem sobre espécies de árvores com potencial de reutilização de gás carbônico, apontado por pesquisadores como um dos responsáveis pelo efeito estufa que provoca o aquecimento global. O tema "Agrotóxicos" também levou o estado a participar do Globo Rural. Santa Catarina e

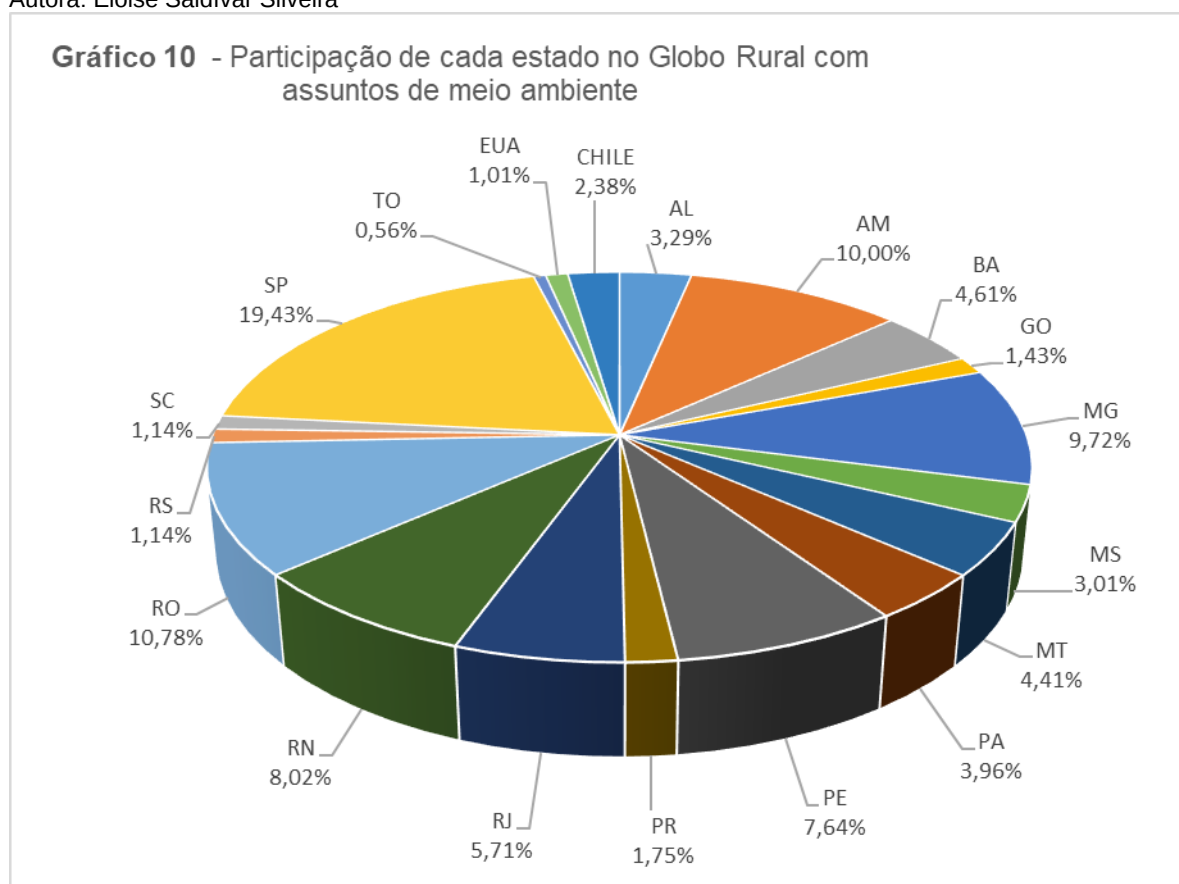
Rio Grande do Sul aparecem na mesma reportagem para mostrar a importância da preservação das árvores para os pássaros.

A pesquisa elencou os estados que contribuíram com assuntos relacionados a meio ambiente. Dezesete estados emplacaram reportagens com diversos assuntos no programa nacional.

Alguns materiais apresentaram realidades em regiões diferentes do país, o que quer dizer que uma reportagem pode apresentar mais de um Estado. Este trabalho separou o tempo destinado a cada um na contagem de tempo. Entre estes conteúdos estão produções locais, feitas por equipes das afiliadas e produções de rede, feitas por equipes da Rede Globo nos Estados.

As quase seis horas de exibição desta categoria estão divididas entre os estados conforme o gráfico a seguir:

Autora: Eloise Saldívar Silveira



Fonte: dados coletados por esta pesquisa

As produções sobre meio ambiente exibidas durante este período também mostraram realidades fora do Brasil. Esquipes da Rede Globo viajaram para o Chile e para os Estados Unidos para buscar exemplos de produções sustentáveis.

Com isso, concluímos que a temática de meio ambiente está presente no programa Globo Rural, e que as reportagens sobre o assunto possuem tempo muito superior à média das outras editorias. Concluiu-se, também, que a produção deste tipo de conteúdo está concentrada na região sudeste.

CONCLUSÕES

Desde as últimas quatro décadas, a relação entre a produção agrícola e a temática ambiental têm se estreitado, na maioria das vezes, em posições conflitantes. Entre as hipóteses que geraram o projeto e o desenvolvimento deste estudo estava a de que as interferências políticas e econômicas envolvidas no setor do agronegócio influenciariam na quantidade de material exibido pelos programas MS Rural e Globo Rural, sobre meio ambiente. Esta ideia partiu do princípio de que a publicidade, que patrocina o programa, boa parte de fertilizantes agrícolas e outros produtos, poderiam interferir na veiculação de temas ambientais, como agrotóxicos, por exemplo. Não só na quantidade, mas também na qualidade.

Os programas MS Rural, da TV Morena e o Globo Rural da Rede Globo são importantes divulgadores do meio rural em diversos aspectos. Em diferentes proporções de tempo e abordagens, a pesquisa mostrou que os programas fizeram coberturas de variadas editorias dentro da complexidade que envolveu o campo. Isso foi possível de se afirmar a partir dos dados quantitativos apresentados por esta pesquisa.

Os programas, estadual e nacional, são prioritariamente voltados ao público rural, mas atingem o público urbano e são prestigiados há décadas por milhões de telespectadores e por isso foram adotados como objeto para o trabalho para monitorar a cobertura ambiental.

Embora tenha sido constatado que a editoria de “Política, Economia e Mercado” foi a mais explorada, no MS Rural, com 5:14’23” (cinco horas, quatorze minutos e vinte e três segundos), do tempo total de 14:24’41” (quatorze horas, vinte e quatro minutos e quarenta e um minutos), no que diz respeito a quantidade de abordagens ambientais, observou-se que esta editoria está entre as que mais têm visibilidade nos dois programas. Em tese, descartando a hipótese inicial.

Tanto o MS Rural, quanto o Globo Rural, deram média maior de tempo para as reportagens voltadas ao meio ambiente do que para outras editorias. No caso do MS Rural, as reportagens duraram em média 4’25” (quatro minutos e vinte e cinco minutos), sendo que a média entre todas as editorias ficou em 3’43” (três minutos e quarenta e três segundos).

No caso do Globo Rural, a média da editoria ambiental ficou em 8’34” (oito minutos e trinta e quatro segundos), muito acima dos 3’32” (três minutos e trinta e

dois segundos) da média total. Este dado foi obtido a partir da divisão do tempo geral da editoria pelo número de matérias. Isso demonstra que o material tem a possibilidade de contrapor ideias, variar fontes, explorar mais imagens e tentar chegar ao nível de qualidade que se pretende. São elementos que, ajudam a melhorar a informação e, também, interferem na construção do pensamento levado ao telespectador.

Concluimos que, além de tempo considerável destinado ao tema, grande parte do material contém críticas pesadas ao poder público, aos produtores rurais e a sociedade em geral, como no caso da série de reportagens sobre o Rio São Francisco. Nela são mostradas degradações causadas por produtores rurais, falta de fiscalização dos órgãos competentes e os reflexos do descaso. Denúncias de crimes ambientais, como desmatamento ilegal, também são registradas com frequência. Com isso conclui-se, em princípio, que os dois programas colaboraram com a pluralidade de temas, englobando o ambiental e fazendo com que ele seja elemento construtivo da realidade, tanto sobre o cenário rural quanto sobre o meio ambiente.

Verificamos, também, que a participação de Mato Grosso do Sul no Globo Rural teve grande variação de assuntos, com destaque a “Pesquisa, Tecnologia, Inovação e Orientação Técnica”, o que coloca o Estado como referência em muitas áreas de produção de conhecimento. Mas, constatamos que, “Doença e Pragas”, “Ciclo Produtivo”, “Cultura e Sociedade” e “Economia, Política e Mercado” aparecem muito à frente do material produzido sobre “Meio Ambiente” em MS. Em uma próxima etapa da pesquisa, este pode ser um caminho a ser investigado. Várias hipóteses poderiam surgir, para esta menor participação em temáticas ambientais, como estrutura da emissora local, critérios de noticiabilidade, relação da emissora com a rede nacional, habilidade no oferecimento de matérias e outras questões que podem influenciar.

No Globo Rural, o Sudeste é a região que mais produz assuntos sobre a temática. O Norte aparece em segundo lugar. Neste caso, constata-se que a Amazônia é a grande responsável pela visibilidade. O fato de o Brasil receber tanta pressão internacional para a preservação e conservação do bioma é uma hipótese para justificar esta opção editorial.

O Nordeste, no período estudado foi destaque por iniciativas sustentáveis, de reutilização de água, principalmente. Isso pode ser explicado pela representação da

seca mostrada em várias outras reportagens que foram enquadradas em outras editoriais.

Acredita-se, também que o Centro-Oeste aparece em função de seus biomas. No caso de Mato Grosso do Sul, o Pantanal, e Mato Grosso em função da Amazônia. Por fim, o Sul do país destaca-se por reportagens sobre preservação de fauna e flora. Percebe-se que a representatividade das notícias estão intimamente ligadas aos biomas e às questões de sustentabilidade e consumo consciente, nos dois programas.

Ficou claro, desde o início, que a busca deste trabalho é explorar dados iniciais, para que possam orientar novas etapas da pesquisa. Os números foram importantes para levantar mais perguntas, e, assim, continuar o fluxo científico, de buscar sob várias perspectivas uma explicação para determinados fenômenos comunicativos. Aproximando os dados coletados de cada programa, podemos concluir que há uma grande diferença no número de matérias exibidas. O nacional exibiu mais do que o dobro do programa local. Isso se explica pela duração dos programas. Enquanto a média de duração de cada edição do Globo Rural é de aproximadamente 36'00" (trinta e seis minutos), a do MS Rural é de 16'00" (dezesesseis minutos). Enquanto a média de reportagens exibidas por programa MS Rural é de aproximadamente cinco, o Globo Rural exibiu uma média, aproximada, de dez reportagens.

A diferença de tempo de exibição entre eles é, também, um fator determinante na amplitude verificada do tempo médio das reportagens de ambiental. No programa nacional a média foi explicitamente maior, chegando a 8'34" (oito minutos e trinta e quatro segundos), enquanto que no local foi de 4'25" (quatro minutos e vinte e cinco segundos).

Em contrapartida, ao analisarmos o tempo médio de reportagem geral, quase não há diferenças. O Mesmo acontece com a editoria "Meio Ambiente" em relação ao todo. As porcentagens indicam participações bem próximas.

Conclui-se que que embora os dados quantitativos apontem um lado positivo, que ainda há muito a ser explorado. Como já vimos, a ótica de mundo, a interpretação dela e respostas, do indivíduo e do coletivo, passam por complexas construções e mediações, em que o papel dos meios de comunicação é de extrema importância.

A mesma importância tem a participação da pesquisa para compreender a relação estabelecida entre o que é transmitido e o que é transformado em uma "realidade social". É por isso que os resultados desta pesquisa possibilitam um universo

de novas buscas, para que se chegue, o mais próximo possível, ao entendimento de como se estabelece a relação entre o agronegócio e o meio ambiente nestes programas e os efeitos disso para a sociedade.

É imprescindível lembrar, como construímos o pensamento até aqui, que os meios de comunicação têm papel fundamental na formação, reformulação e reprodução das representações na sociedade. Lembramos novamente de Berger e Luckmann (1985), sobre as etapas de uma construção social da realidade. De que forma a quantidade de notícias sobre um determinado aspecto, como o ambiental, por exemplo, pode determinar a realidade vista pela sociedade sobre o meio rural? Negligenciar as outras temáticas não daria um caminho único a ser construído socialmente? Afinal, precisamos de alimentos, precisamos de preservação ambiental, de uma comunicação eficiente e responsável que cumpra seu papel de informar, denunciar, exemplificar, ampliar a discussão e melhorar a sociedade.

Estes questionamentos podem ser explorados por inúmeras pesquisas que irão complementar esta pesquisa inicial.

REFERÊNCIAS

- ALCURE, L. **Telejornalismo em 12 lições**. Rio de Janeiro. Ed. Puc-Rio, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2011.
- BELMONTE, R. V. **Cidades em mutação**: Menos catástrofes e mais jornalismo. São Paulo: Summus Editorial. 2014
- Berger, L. P. Luckmann, P. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro. Vozes, 1991.
- BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRASIL, Ministério da Agricultura. **Projeções do Agronegócio**: Brasil 2014/2015 a 2024/2025. 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- BRASIL. **Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Declaração de Tbilisi**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/pdfs/decltibilisi.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- CARRO, Maria Jesús Casals. *Mensajes Periodísticos Y Sociedad del Conocimiento* . Madrid: Fragua Editorial, 2004.
- CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **MS é o quinto maior produtor de grãos do Brasil**. Disponível em:<<http://www.conab.gov.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- EMBRAPA. **Agrotóxicos no Brasil**. 2015. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTA_G01_40_210200792814.html>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- FAMASUL, Federação da Agricultura e da Pecuária de Mato Grosso do Sul. **Estimativas da Agropecuária**. Disponível em:<<http://famasul.com.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- FISCHER, R. M. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FUNDAÇÃO MATA ATLÂNTICA. **Dados mais recentes**. Disponível em:<<https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dadosmais-recents/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- GERAQUE, E. **Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos**. São Paulo: Summus. 2007.
- GIOVANNI, Geraldo Di / NOGUEIRA, Marco Aurelio. **Dicionário de Políticas Públicas**, 2 edição. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- GODOY, de S. Hélio Augusto. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Título: **Documentário, Realidade e Semiose**: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento, Ano de obtenção: 1999.
- GOMES, M. A. F; BARIZON, R. R. M. **Panorama da contaminação ambiental por agrotóxicos e nitrato de origem agrícola no Brasil**: cenário 1992/2011. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2014.
- GUIMARÃES, C.; VIANA, L. S.; COSTA, P. H. de S. Os desafios da consciência ambiental: o marketing verde em questão. In: C@LEA – Cadernos de Aulas do LEA. n. 4, p. 94-104,

Ilhéus – BA, nov. 2015. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/calea/edicoes/rev4_artigo7.pdf>, Acesso em 03 de mar 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Mato Grosso do Sul atualizados**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=50>>. Acesso em 30 dez. 2015.

INSTITUTO SOS PANTANAL. **O Pantanal está ameaçado pelo avanço da soja**. 2015. Disponível em: <<http://www.sospantanal.org.br/o-pantanal-esta-ameacado-pelo-avanco-da-soja/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo. Contexto, 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP. Editora EDUSC, 2001.

LANE, Silvia T. M. CODO, Wanderley. **Psicologia Social: o homem em desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Machado, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo – SP. Editora SENAC SP, 2000.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto, vol. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/pea/article/view/30047>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MARQUES DE MELO, JOSÉ. **O espaço da comunicação rural nas escolas de comunicação social**. In: BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida Maria K. (orgs). **Comunicação Rural: discurso e prática**. Viçosa – MG. Imprensa Universitária, 1993.

MATIELLO, C. QUELUZ G. L. **Representações de tecnologia em narrativas sobre a implantação da usina hidrelétrica de Itaipu**. Dimensões, vol. 26, 2011, p. 305-324. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2596/2092>. Acesso em 01 mar 2018.

MAZOYER, M. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MENICUCCI, Felipe Lopes. **Bom dia Homem do Campo: a construção do personagem no Globo Rural**. Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Viçosa – MG, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/bitstream/handle/ufjf/4042/felipelopesmenicucci.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acessado em mar 2018.

MOURÃO, L. M; OTA, D. Notícias Rurais na TV Local: o pioneirismo do MS Rural. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS**, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 242-249, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/20.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

MOURÃO, Lucas. **O meio rural sul-mato-grossense na televisão local: a produção jornalística do programa MS Rural**. Dissertação de mestrado. Mestrado em Comunicação UFMS. Campo Grande-MS. Vol 1. Disponível em <http://mestradocomunicacao.sites.ufms.br/files/2014/05/Mour%C3%A3o-L-M-O-meio-rural-sul-matogrossense-na-televis%C3%A3o-local-2013.pdf> . Acesso em 14/09/2017.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NUNES, S. P. **O desenvolvimento da agricultura brasileira e mundial e a idéia de Desenvolvimento Rural**. Boletim eletrônico 157, DESER–Departamento de Estudos Sócio-

Econômico Rurais, março, 2007. Disponível em:<
<http://www.deser.org.br/documentos/doc/DesenvolvimentoRural.pdf>>. Acesso em mar 2018.

OLIVEN, Ruben George. **Educação e sociedade moderna: Funções da educação no contexto urbano**. Edições Urgs. Porto Alegre, 1972.

PATERNOSTRO, Vera Íris; colaboração de Eduardo marota. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2006.

RAJEWSKY, Irina O. **Intermedialidade e Estudos Interartes**: desafios da arte contemporânea. Thais F Diniz, organizadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RIBEIRO, Luciana Mello. **O papel das representações sociais na (educ)ação ambiental**. 2003. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), Rio de Janeiro, RJ, 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4292/4292_2.PDF>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SCHARF, R. **Verde como dinheiro**: Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? São Paulo: Summus Editorial. 2014.

SEMA, Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná. **Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros**: Tbilisi, CEI, de 14 a 26 de outubro de 1977. Disponível em: <<http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SILVA, da C. E. L. **Muito além do Jardim Botânico**. Summus Editorial. São Paulo – SP.1985.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução : João Carlos Todorov., Rodolfo Azzi - 11º edição Ed, São Paulo – Martins Fontes, 2003.

TEMER, A.C. R. P. **Mídia, Cidadania e poder**. Goiânia-GO. Facomb, 2011.

Viola, Eduardo J. **O movimento ecológico no Brasil (1974 - 1986): do ambientalismo à ecopolítica** - [Revista brasileira de ciências sociais](#). - São Paulo, Vol. 3, p. 5-26. 1987

ANEXOS

ANEXO I – INFORMATIVO DO PROGRAMA GLOBO RURAL



INFORMATIVO DE PROGRAMA
2016







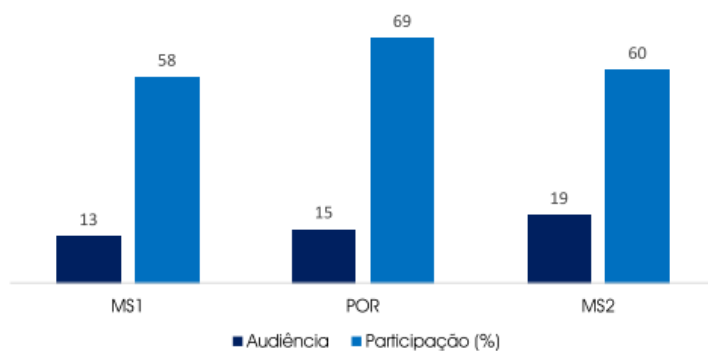
GLOBO RURAL

GLOBO RURAL é o precursor dos programas de televisão voltados para o campo. Estreou na Globo em outubro de 1980 e implantou uma nova linguagem jornalística, simples, fácil e de rápido assimilação. Busca orientar o agricultor ou o pecuarista, se valendo de entrevistas com lavradores, técnicos e especialistas no setor.

O programa tem como estrutura básica matérias técnicas, atualidade econômicas (safras, colheitas, produtividade, cotações de produtos agrícolas), cartas e variedades.



AUDIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO | GLOBO RURAL



PERFIL DO TELESPECTADOR | GLOBO RURAL

CAMPO GRANDE (MS1)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A8	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
04-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
9%	47%	44%	4%	5%	6%	5%	34%	45%	37%	26%	22%	15%

DOURADOS (POR)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A8	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
04-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
8%	46%	45%	6%	2%	3%	17%	30%	41%	26%	25%	27%	22%

CORUMBÁ (MS2)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A8	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
04-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
16%	39%	45%	7%	9%	8%	19%	34%	22%	37%	18%	25%	21%

FONTE: IBOPE MÍDIA CADENHO - AUDIÊNCIA DOMICILIAR - PARTICIPAÇÃO (%) COM BASE T1E
CAMPO GRANDE: 10 A 10 DE MAIO DE 2016
DOURADOS: 03 A 09 DE JUNHO DE 2016
CORUMBÁ: 05 A 12 DE MAIO DE 2016



ESQUEMA COMERCIAL | GLOBO RURAL

DIA	DOMINGO
HORÁRIO	07H30
SIGLA NO SIS.COM	MRUR
PREÇO (R\$) 30"	CONSULTE A LISTA DE PREÇOS
COEFICIENTE PARA 15"	0,50

PLANO DE PATROCÍNIO | GLOBO RURAL

Nº/TIPO DE COTA	1 COTA LOCAL
PLANO DE INSERÇÕES (POR EXIBIÇÃO)	1 ABERTURA CARACTERIZADA DE 7" 1 ENCERRAMENTO CARACTERIZADO DE 7" 1 COMERCIAL DE 30"
VALOR (R\$) MENSAL DA COTA	CONSULTE TABELA DE PATROCÍNIOS

OBSERVAÇÕES

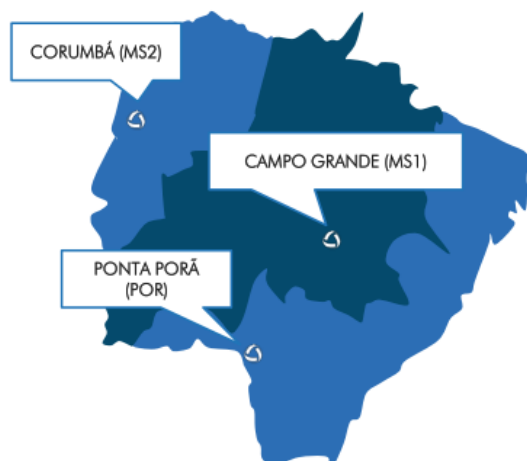


TELESPECTADORES
76.749



CPM MS1
R\$ 18,55

ABRANGÊNCIA DA TV MORENA



O Sinal das emissoras da TV Morena abrange 79 municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. São mais de 2,5 milhões de telespectadores potenciais assistindo a melhor programação da TV aberta em Mato Grosso do Sul. São três emissoras localizadas em Campo Grande, Corumbá e Ponta Porã, além das sucursais em Dourados e Três Lagoas.

EXIBIDORA	MUN.	POPULAÇÃO	DTV	TEL. POT.	IPC%
TV MORENA CAMPO GRANDE (MS1)	32	1.396.549	465.782	1.370.517	0,696
TV MORENA PONTA PORÃ (POR)	45	1.134.186	364.170	1.097.637	0,555
TV MORENA CORUMBÁ (MS2)	2	131.509	36.568	128.241	0,054
TOTAL	79	2.662.244	866.520	2.596.395	1,306

**100% do Estado de Mato Grosso do Sul
coberto pelo sinal da TV Morena**

Fonte: Atlas de Cobertura Globo 2016

ANEXO II – INFORMATIVO MS RURAL



INFORMATIVO DE PROGRAMA
2016





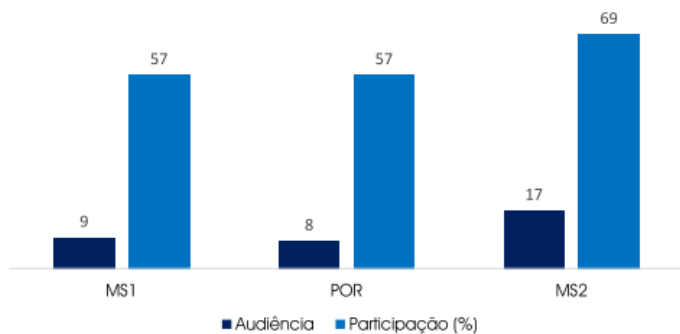
MS RURAL

O programa tem o objetivo de levar ao seu público informações do mundo rural do Estado e tudo que seja pertinente ao dia-a-dia de quem trabalha com agronegócios, como cotações, agenda de palestras, cursos e últimas notícias.

Público-Alvo: Agropecuaristas, profissionais da área, técnicos, empresários e profissionais liberais ligados aos temas de interesse.



AUDIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO | MS RURAL



PERFIL DO TELESPECTADOR | MS RURAL

CAMPO GRANDE (MS1)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A5	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
D4-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
20%	37%	43%	9%	11%	9%	10%	22%	39%	15%	34%	19%	32%

DOURADOS (POR)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A5	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
D4-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
8%	46%	46%	4%	4%	4%	14%	21%	53%	22%	17%	27%	34%

CORUMBÁ (MS2)

Ambos	Homens	Mulheres	4/11	12/17	18/24	25/34	35/49	50+	A5	C1	C2	DE
ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	ABCDE	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos
D4-17	18 e+	18 e+	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	Ambos	4+	4+	4+	4+
8%	41%	51%	3%	5%	17%	16%	32%	26%	28%	23%	17%	33%

FONTE: IBOPE MÍDIA CADENHO - AUDIÊNCIA DOMICILIAR - PARTICIPAÇÃO (%) COM BASE TELE
CAMPO GRANDE: 10 A 10 DE MAIO DE 2016
DOURADOS: 03 A 09 DE JUNHO DE 2016
CORUMBÁ: 05 A 12 DE MAIO DE 2016



ESQUEMA COMERCIAL | MS RURAL

DIA	DOMINGO
HORÁRIO	06H25
SIGLA NO SIS.COM	MRUR
PREÇO (R\$) 30"	CONSULTE A LISTA DE PREÇOS
COEFICIENTE PARA 15"	0,50

PLANO DE PATROCÍNIO | MS RURAL

Nº/TIPO DE COTA	2 COTA LOCAL
PLANO DE INSERÇÕES (POR EXIBIÇÃO)	1 ABERTURA CARACTERIZADA DE 7" 1 ENCERRAMENTO CARACTERIZADO DE 7"
VALOR (R\$) MENSAL DA COTA	CONSULTE TABELA DE PATROCÍNIOS

OBSERVAÇÕES

Observações: O patrocínio desse programa também é composto por INTERNET (Somente cota MS1): catálogo de vídeos - slim banner, vinheta de 7" e comercial de 30"*** nos catálogos.

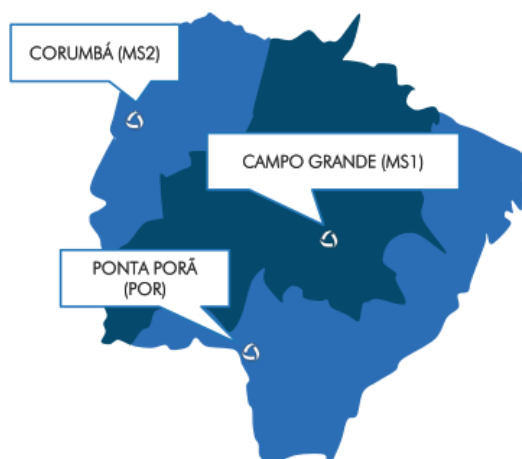


TELESPECTADORES
54.410



CPM MS1
R\$ 26,17

ABRANGÊNCIA DA TV MORENA



O Sinal das emissoras da TV Morena abrange 79 municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. São mais de 2,5 milhões de telespectadores potenciais assistindo a melhor programação da TV aberta em Mato Grosso do Sul. São três emissoras localizadas em Campo Grande, Corumbá e Ponta Porã, além das sucursais em Dourados e Três Lagoas.

EXIBIDORA	MUN.	POPULAÇÃO	DTV	TEL. POT.	IPC%
TV MORENA CAMPO GRANDE (MS1)	32	1.396.549	465.782	1.370.517	0,696
TV MORENA PONTA PORÃ (POR)	45	1.134.186	364.170	1.097.637	0,555
TV MORENA CORUMBÁ (MS2)	2	131.509	36.568	128.241	0,054
TOTAL	79	2.662.244	866.520	2.596.395	1,306

**100% do Estado de Mato Grosso do Sul
coberto pelo sinal da TV Morena**

Fonte: Atlas de Cobertura Global 2016

ANEXO III – TABELA DE AUDIÊNCIA

				TABELA DE AUDIÊNCIA					
		PRAÇA: CAMPO GRANDE		MERCADO: MS1					
				TELESPECTADORES POTENCIAIS: 1.376.899					
DIA	HORÁRIO	PROGRAMAS	DOMICILIAR		INDIVIDUAL			Tabela em 17	
			AUDIÊNCIA DOMICILIAR	PARTICIPAÇÃO DOMICILIAR (%)	AUDIÊNCIA INDIVIDUAL	PARTICIPAÇÃO INDIVIDUAL (%)	TELESPECTADORES	CPM INDIVIDUAL	PREÇO 30"
Seg/Sex	05:00	BOM DIA MS	20	69	9	70	122.406	9,89	1.210,00
Seg/Sex	06:30	BOM DIA BRASIL	18	50	8	50	106.297	11,38	1.210,00
Seg/Sex	07:50	MAIS VOCÊ	14	38	6	40	84.542	11,66	986,00
Seg/Sex	09:10	BEM ESTAR	12	32	5	32	69.258	14,24	986,00
Seg/Sex	09:50	ENCONTRO	13	26	5	25	73.526	17,53	1.289,00
Seg/Sáb	11:00	MS TV 1ª EDIÇÃO	17	33	8	30	103.405	27,13	2.805,00
Seg/Sáb	11:50	GLOBO ESPORTE	16	34	7	33	96.934	30,76	2.982,00
Seg/Sáb	12:20	JORNAL HOJE	13	33	6	33	80.136	38,04	3.048,00
Seg/Sex	13:00	VIDEO SHOW	11	31	4	28	60.584	20,86	1.264,00
Seg/Sex	14:10	SESSÃO DA TARDE	12	31	5	29	66.642	9,21	614,00
Seg/Sex	15:50	VALE A PENA VER DE NOVO	17	37	7	36	99.274	12,73	1.264,00
Seg/Sex	16:55	MALHAÇÃO	21	40	10	38	139.204	13,08	1.821,00
Seg/Sáb	17:30	NOVELA I	24	42	12	40	164.539	17,98	2.958,00
Seg/Sáb	18:20	MS TV 2ª EDIÇÃO	28	44	15	42	202.955	22,42	4.550,00
Seg/Sáb	18:35	NOVELA II	33	48	19	47	262.024	20,12	5.272,00
Seg/Sáb	19:30	JORNAL NACIONAL	31	47	17	44	233.522	35,11	8.200,00
Seg/Sáb	20:20	NOVELA III	28	50	16	49	220.028	36,70	8.074,00
Seg	21:25	TELA QUENTE	16	47	9	42	117.587	28,03	3.296,00
Ter	21:25	SHOW DE TERÇA-FEIRA I	23	47	13	44	176.518	25,07	4.425,00
Ter	22:10	TÁ NO AR: A TV NA TV (11/04)	11	39	5	35	74.353	37,66	2.800,00
Qua	22:45	PROFISSÃO REPÓRTER	11	42	5	41	72.838	28,98	2.111,00
Qui	21:25	SHOW DE QUINTA-FEIRA I	18	40	11	43	147.741	29,95	4.425,00
Qui	22:10	SHOW DE QUINTA-FEIRA II	10	36	6	39	78.621	35,61	2.800,00
Sex	21:25	GLOBO REPORTER	20	44	11	45	154.213	28,89	4.455,00
Sex	22:20	SHOW DE SEXTA-FEIRA II	12	41	6	42	84.129	30,79	2.590,00
Seg/Sex	22:55	JORNAL DA GLOBO	5	33	3	33	34.973	56,79	1.986,00
Sáb	05:00	VIA BRASIL	9	67	5	70	63.888	5,18	331,00
Sáb	06:00	COMO SERÁ?	10	38	5	43	75.179	4,40	331,00
Sáb	08:00	É DE CASA	9	25	4	28	60.859	17,12	1.042,00
Sáb	13:00	MEU MATO GROSSO DO SUL	11	30	6	34	78.346	23,24	1.821,00
Sáb	13:40	ESTRELAS	11	33	5	34	73.526	17,83	1.311,00
Sáb	14:30	CALDEIRÃO DO HUCK	15	39	7	41	101.615	17,83	1.812,00
Sáb	21:20	ZORRA	21	46	11	47	149.944	17,41	2.610,00
Sáb	22:10	ALTAS HORAS	8	35	4	33	50.808	27,14	1.379,00
Dom	06:25	MS RURAL	8	71	5	74	62.236	24,36	1.516,00
Dom	06:55	PEQUENAS EMPRESAS	8	56	4	53	58.105	6,94	403,00
Dom	07:25	GLOBO RURAL	9	46	4	41	61.410	24,69	1.516,00
Dom	08:25	AUTOESPORTE	11	38	5	37	72.150	35,22	2.541,00
Dom	09:00	ESPORTE ESPETACULAR	12	35	6	34	78.070	36,67	2.863,00
Dom	11:45	SHOW DE DOMINGO VESPERTINO	17	37	8	33	107.123	14,88	1.594,00
Dom	12:55	TEMPERATURA MÁXIMA	19	42	9	36	117.449	13,63	1.601,00
Dom	17:00	DOMINGÃO DO FAUSTÃO	21	38	12	38	165.366	22,04	3.645,00
Dom	20:00	FANTÁSTICO	26	47	15	45	204.883	34,51	7.070,00
Dom	22:25	SHOW DE DOMINGO NOTURNO	12	43	6	43	86.194	24,27	2.092,00
Dom	23:35	DOMINGO MAIOR	16	46	8	44	113.181	11,34	1.284,00

LISTA DE PREÇOS VÁLIDA DE Abril a Setembro de 2017. ATENÇÃO: Os preços citados nesta tabela são APENAS UMA REFERÊNCIA PARA SIMULAÇÃO DO CPM. Considera-se apenas 1 inserção no programa.

Fonte: IBOPE IMV Campo Grande cadastro de 21 a 27 de novembro de 2016. Audiência Domiciliar / Individual base Total de Telespectadores TV Morena Campo Grande - Alfas de Cobertura Rede Globo 2017.

Participação % base TLE: Índices aritméticas de penetração de linha e média de período. Não consideramos eventos (esportivos ou não), programas com menos de 15' de duração, gênero político e teletextuais.

A audiência é a média de pessoas ou domicílios sintonizados em um programa ou faixa horária. O share é a participação de uma emissora ou de um programa no total de televisores ligados.

CPM (CUSTO POR MIL) = É uma medida de rentabilidade relacionando custo com audiência em números absolutos. Representa o valor necessário para se atingir cada grupo de 1.000 telespectadores.

TELESPECTADORES: Quantidade de telespectadores do programa.

Atualizado em: 16/03/2017

ANEXO IV – TABELA DE PREÇO



TABELA DE PREÇO

PRAÇA: CAMPO GRANDE / PONTA PORÃ / CORUMBÁ

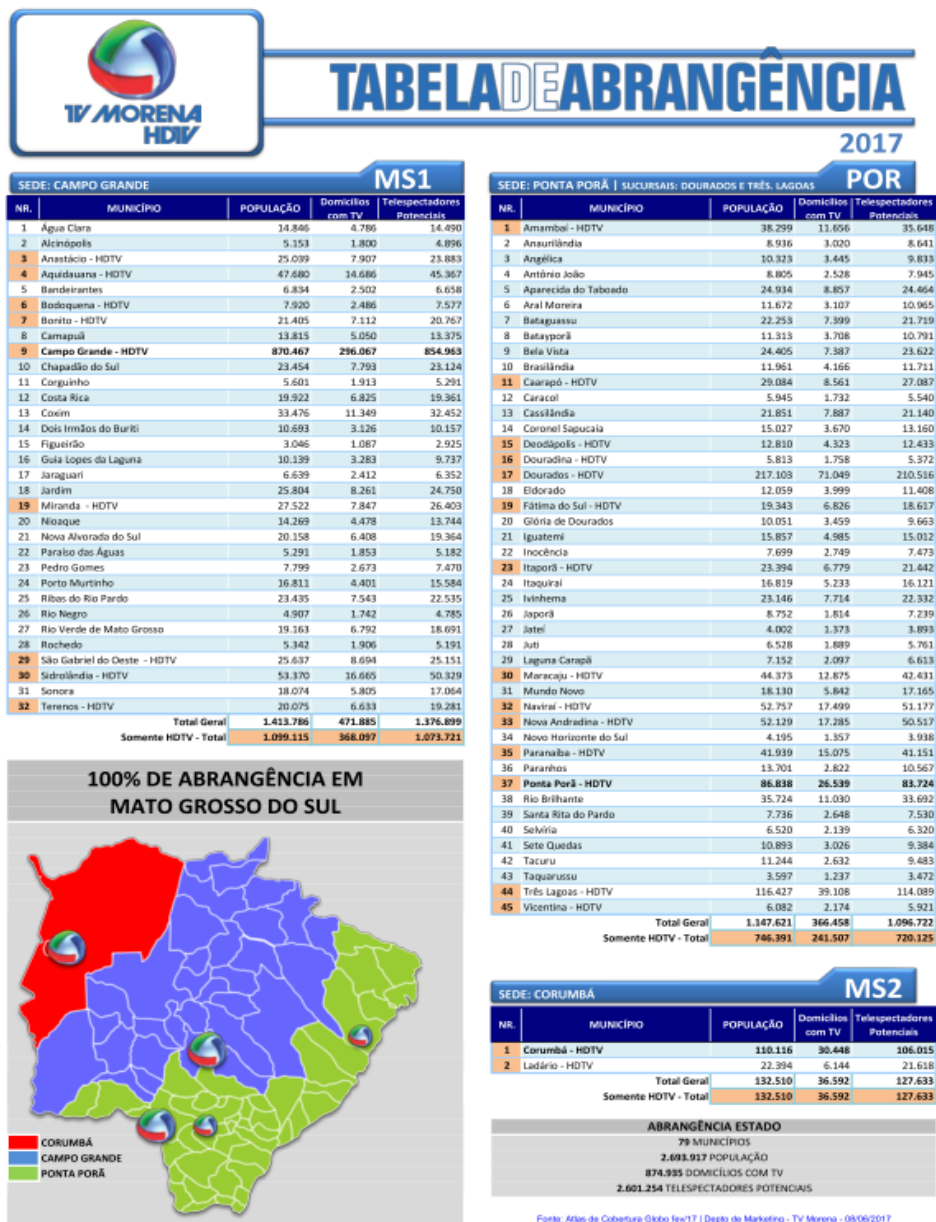
MERCADO: MTS

LISTA DE PREÇOS VÁLIDA DE 1º DE ABRIL A 30 DE SETEMBRO DE 2017

	DIA	HORA	PROGRAMAS	SIGLA	CONF. IN/15"	CAMPO GRANDE (MS1)		PONTA PORÃ (POM)		CORUMBÁ (MS2)		ESTADO (MT3)	
						30"	15"	30"	15"	30"	15"	30"	15"
SEGUNDA A SEXTA-SÁBADO	Seg/Sex	04:00	HORA UM	HORA	0,50	671,00	335,50	231,00	115,50	127,00	63,50	1.029,00	514,50
	Seg/Sex	05:00	BOM DIA MS	BPRA	0,50	1.210,00	605,00	362,00	181,00	186,00	93,00	1.758,00	879,00
	Seg/Sex	06:30	BOM DIA BRASIL	NBRA	0,50	1.210,00	605,00	365,00	182,50	191,00	95,50	1.766,00	883,00
	Seg/Sex	07:50	MAIS VOCÊ	MAVO	0,50	986,00	493,00	290,00	145,00	170,00	85,00	1.446,00	723,00
	Seg/Sex	09:10	BEM ESTAR	BEST	0,50	986,00	493,00	290,00	145,00	170,00	85,00	1.446,00	723,00
	Seg/Sex	09:50	ENCONTRO	FATI	0,50	1.289,00	644,50	432,00	216,00	185,00	92,50	1.906,00	953,00
	Seg/Sáb	11:00	MS TV 1ª EDIÇÃO	PTV1	0,50	2.805,00	1.402,50	846,00	423,00	399,00	199,50	4.050,00	2.025,00
	Seg/Sáb	11:50	GLOBO ESPORTE	GESP	0,75	2.982,00	1.491,00	787,00	393,50	372,00	186,00	4.141,00	2.070,50
	Seg/Sáb	12:20	JORNAL HOJE	JHOJ	0,75	3.048,00	1.524,00	874,00	437,00	365,00	182,50	4.287,00	2.143,50
	Seg/Sex	13:00	VIDEO SHOW	VIDE	0,50	1.264,00	632,00	335,00	167,50	172,00	86,00	1.771,00	885,50
	Seg/Sex	14:10	SESSÃO DA TARDE	TARA	0,50	614,00	307,00	291,00	145,50	134,00	67,00	1.039,00	519,50
	Seg/Sex	15:50	VALE A PENA VER DE NOVO	VALE	0,50	1.264,00	632,00	386,00	193,00	169,00	84,50	1.819,00	909,50
	Seg/Sáb	16:55	MALHAÇÃO	MALH	0,75	1.821,00	910,50	655,00	327,50	226,00	113,00	2.702,00	1.351,00
	Seg/Sáb	17:30	NOVELA I	N18H	0,75	2.958,00	1.479,00	915,00	457,50	322,00	161,00	4.195,00	2.097,50
	Seg/Sáb	18:20	MS TV 2ª EDIÇÃO	PTV2	0,75	4.550,00	2.275,00	1.582,00	791,00	500,00	250,00	6.832,00	3.416,00
	Seg/Sáb	18:35	NOVELA II	N19H	0,75	5.272,00	2.636,00	1.698,00	849,00	516,00	258,00	7.486,00	3.743,00
	Seg/Sáb	19:30	JORNAL NACIONAL	JNAC	—	8.200,00	*	2.366,00	*	838,00	*	11.404,00	*
	Seg/Sáb	20:20	NOVELA III	N20H	0,75	8.074,00	4.037,00	2.227,00	1.113,50	760,00	380,00	11.061,00	5.530,50
	Seg	21:25	TELA QUENTE	TELA	0,75	3.296,00	1.648,00	1.045,00	522,50	366,00	183,00	4.707,00	2.353,50
	Ter	21:25	MISTER BRAU (ATÉ 18/07)	SHT3	0,75	4.425,00	2.212,50	1.262,00	631,00	467,00	233,50	6.154,00	3.077,00
	Ter	22:10	SHOW DE TERÇA-FEIRA II	TN08	0,75	2.800,00	1.400,00	800,00	400,00	295,00	147,50	3.895,00	1.947,50
	Qua	20:45	FUTEBOL QUARTA-FEIRA	-	-	-	**	-	**	366,00	**	-	**
	Qua	22:45	PROFISSÃO REPÓRTER	PROF	0,75	2.111,00	1.055,50	612,00	306,00	269,00	134,50	2.992,00	1.496,00
	Qui	22:20	VADE RETRO (ATÉ 06/07)	SHQ1	0,75	4.425,00	2.212,50	1.262,00	631,00	467,00	233,50	6.154,00	3.077,00
	Qui	22:10	SHOW DE QUINTA-FEIRA II	SHOS	0,75	2.800,00	1.400,00	800,00	400,00	295,00	147,50	3.895,00	1.947,50
	Sex	21:25	GLOBO REPÓRTER	REPO	0,75	4.455,00	2.227,50	1.212,00	606,00	445,00	222,50	6.112,00	3.056,00
	Sex	22:20	SHOW DE SEXTA-FEIRA II	SSUP	0,75	2.590,00	1.295,00	725,00	362,50	274,00	137,00	3.589,00	1.794,50
	Seg/Sex	22:55	JORNAL DA GLOBO	JGLO	0,75	1.986,00	993,00	506,00	253,00	256,00	128,00	2.748,00	1.374,00
	Seg/Sex	após JGLO	CONVERSA COM BIAL	PRON	0,50	980,00	490,00	314,00	157,00	162,00	81,00	1.456,00	728,00
Seg/Sex	00:15	SÉRIES AMERICANAS	SAME	0,50	775,00	387,50	256,00	128,00	141,00	70,50	1.172,00	586,00	
SÁBADO	Sáb	05:00	VIA BRASIL	VBRA	0,50	331,00	165,50	140,00	70,00	94,00	47,00	565,00	282,50
	Sáb	06:00	COMO SERÁ?	SERA	0,50	331,00	165,50	140,00	70,00	94,00	47,00	565,00	282,50
	Sáb	08:00	É DE CASA	CASA	0,50	1.042,00	521,00	326,00	163,00	167,00	83,50	1.535,00	767,50
	Sáb	13:00	MEU MATO GROSSO DO SUL	MEMS	0,50	1.821,00	910,50	655,00	327,50	226,00	113,00	2.702,00	1.351,00
	Sáb	13:40	ESTRELAS	ANGE	0,50	1.311,00	655,50	442,00	221,00	162,00	81,00	1.915,00	957,50
	Sáb	14:30	CALDEIRÃO DO HUCK	HUCK	0,75	1.812,00	906,00	585,00	292,50	227,00	113,50	2.624,00	1.312,00
	Sáb	-	FUTEBOL SÁBADO	-	-	-	**	-	**	377,00	**	-	**
	Sáb	21:20	ZORRA	ZORR	0,75	2.610,00	1.305,00	730,00	365,00	270,00	135,00	3.610,00	1.805,00
	Sáb	22:10	ALTAS HORAS	ALTA	0,75	1.379,00	689,50	434,00	217,00	205,00	102,50	2.018,00	1.009,00
	Sáb	00:00	SUPERCINE	SUCI	0,50	1.013,00	506,50	360,00	180,00	159,00	79,50	1.532,00	766,00
	DOMINGO	Dom	06:25	MS RURAL	MRUR	0,50	1.516,00	758,00	508,00	254,00	200,00	100,00	2.224,00
Dom		06:55	PEQUENAS EMPRESAS	EMPR	0,50	403,00	201,50	145,00	72,50	101,00	50,50	649,00	324,50
Dom		07:25	GLOBO RURAL	GRUR	0,50	1.516,00	758,00	508,00	254,00	200,00	100,00	2.224,00	1.112,00
Dom		08:25	AUTODESPORTO	AUTO	0,75	2.541,00	1.270,50	742,00	371,00	316,00	158,00	3.599,00	1.799,50
Dom		09:00	ESPORTE ESPETACULAR	ESPO	0,75	2.863,00	1.431,50	768,00	384,00	324,00	162,00	3.955,00	1.977,50
Dom		11:45	TAMANHO FAMÍLIA	SHOV	0,75	1.594,00	797,00	536,00	268,00	215,00	107,50	2.345,00	1.172,50
Dom		12:55	TEMPERATURA MÁXIMA	TMAX	0,75	1.601,00	800,50	536,00	268,00	215,00	107,50	2.352,00	1.176,00
Dom		-	FUTEBOL DOMINGO	-	-	-	**	-	**	419,00	**	-	**
Dom		17:00	DOMINGÃO DO FAUSTÃO	DFAU	0,75	3.645,00	1.822,50	1.003,00	501,50	419,00	209,50	5.067,00	2.533,50
Dom		20:00	FANTÁSTICO	FANT	0,75	7.070,00	3.535,00	1.990,00	995,00	716,00	358,00	9.776,00	4.888,00
Dom		22:25	SHOW DE DOMINGO NOTURNO	SHOD	0,75	2.092,00	1.046,00	601,00	300,50	212,00	106,00	2.905,00	1.452,50
Dom		23:35	DOMINGO MAIOR	DOMA	0,50	1.284,00	642,00	375,00	187,50	137,00	68,50	1.796,00	898,00
	-	-	FUTEBOL SELEÇÃO BRASILEIRA	-	-	-	**	-	**	880,00	**	-	**
	Sáb	após ALTA	ZERO1	ZERO	0,50	1.013,00	506,50	360,00	180,00	159,00	79,50	1.532,00	766,00
	24, 30, 54 e 64	***	OS DIAS ERAM ASSIM (ATÉ 15/09)	SLPS	0,75	2.800,00	1.400,00	800,00	400,00	295,00	147,50	3.895,00	1.947,50

* - 1 programa sem medição de 15" (071) somente comércios de 30".
 Os comerciais para cálculo dos comércios de 30" e 60" são 1.30 e 2.60, respectivamente.
 *** segunda-feira, após novela II / Terça, quarta e sexta-feira, após 3ª linha do bloco.
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:
 A validade da lista de preços.
 Os preços a serem facturados aos anunciantes correspondem aqueles aplicáveis no momento da exibição das mensagens publicitárias, e não no da compra. Assim, os valores previstos nesta Lista de Preços serão facturados para os anunciantes quanto à verificação.
 Caso de alterações decorrentes de uma alteração de preço, os valores a serem facturados correspondem aqueles previstos na nova lista de preços, que sucederá a presente, desde que os campos tenham sido actualizados.
 No caso de alterações decorrentes de uma alteração de preço, os valores serão automaticamente actualizados com base na nova lista de preços, mantendo inalterados os demais conteúdos originais de negociação.
 Poderão ser necessárias alterações na lista de preços dentro do seu período de vigência, caso em que serão aplicados os mesmos dispositivos contemplados neste item.
 A produção e os custos de produção em nenhuma hipótese tem ligação com estes preços.
 PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÃO: Central Global de Programação.
 Atualizado por Oltres em 26/09/2017

ANEXO V – TABELA DE ABRANGÊNCIA



ANEXO VI – PERFIL DE AUDIÊNCIA

PRAÇA: CAMPO GRANDE		MERCADO: MS1																
PESQUISA: CAMPO GRANDE/MS		AUDIÊNCIA INDIVIDUAL		PERFIL - SEXO (%)		PERFIL - IDADE (%)						PERFIL - CLASSE SOCIAL (%)						
Nome	Classe Social	Idade	Audiência Individual	ABCD	ABCD	0-3	4-9	10-17	18-24	25-34	35-44	45-54	55+	A	B	C	D	E
TELESPECT. POTENCIAIS (MS1)		3.376.899	48	52	11	11	15	15	23	25	35	27	25	14	35	21	26	22
BOM DIA MS	9	122.406	37	63	1	4	7	10	32	47	31	21	26	22				
BOM DIA BRASIL	8	106.297	35	65	2	1	7	13	29	48	40	17	22	22				
MAIS VOCÊ	6	84.542	32	68	6	4	11	21	19	40	40	20	20	20				
BEM ESTAR	5	69.258	31	69	6	5	16	23	20	30	42	25	15	18				
ENCONTRO	5	73.526	34	66	3	5	17	25	24	27	48	28	13	11				
MS TV 1ª EDIÇÃO	8	103.405	43	57	1	5	13	23	22	36	43	30	14	14				
GLOBO ESPORTE	7	96.934	44	56	1	6	14	21	21	36	43	31	14	12				
JORNAL HOJE	6	80.136	41	59	1	8	16	21	20	33	42	31	17	10				
VÍDEO SHOW	4	60.584	38	62	2	9	18	22	17	32	35	34	23	9				
SESSÃO DA TARDE	5	66.642	34	66	4	11	19	20	19	28	32	29	28	12				
VALE A PENA VER DE NOVO	7	99.274	31	69	4	12	18	16	25	25	26	29	31	14				
MALHAÇÃO	10	139.204	31	69	5	9	16	20	23	26	29	30	24	16				
NOVELA I	12	164.539	34	66	5	7	13	20	23	32	31	27	25	17				
MS TV 2ª EDIÇÃO	15	202.955	38	62	5	5	11	18	22	38	34	22	25	19				
NOVELA II	19	262.024	40	60	5	5	11	17	25	37	38	21	25	16				
JORNAL NACIONAL	17	233.522	40	60	5	5	11	18	24	37	34	22	26	18				
NOVELA III	16	220.028	38	62	5	5	13	18	29	32	36	24	24	15				
TELA QUENTE	9	117.587	43	57	4	5	21	22	22	26	33	22	23	23				
SHOW DE TERÇA-FEIRA I	13	176.518	40	60	6	1	18	24	27	25	32	31	18	18				
TÁ NO AR: A TV NA TV (11/04)	5	74.353	49	51	7	3	21	21	21	27	38	23	22	16				
FUTEBOL QUARTA-FEIRA	16	217.275	44	56	3	2	13	16	32	34	33	25	26	17				
PROFISSÃO REPÓRTER	5	72.838	58	42	3	0	14	16	40	27	21	34	31	15				
SHOW DE QUINTA-FEIRA I	11	147.741	42	58	5	3	12	17	35	28	33	27	24	16				
SHOW DE QUINTA-FEIRA II	6	78.621	43	57	8	3	10	13	42	25	34	21	29	16				
GLOBO REPÓRTER	11	154.213	39	61	3	6	13	14	32	32	30	16	39	15				
SHOW DE SEXTA-FEIRA II	6	84.129	40	60	0	2	14	8	35	40	24	20	41	14				
JORNAL DA GLOBO	3	34.973	51	49	1	2	23	13	25	35	29	21	26	24				
VIA BRASIL	5	63.888	42	58	1	0	12	12	29	46	44	19	25	12				
COMO SERÁ?	5	75.179	45	55	13	6	9	15	23	34	46	23	9	23				
É DE CASA	4	60.859	34	66	8	6	6	28	23	28	36	36	4	24				
MEU MATO GROSSO DO SUL	6	78.346	39	61	3	7	20	17	31	22	49	19	22	9				
ESTRELAS	5	73.526	35	65	4	5	17	21	30	23	42	23	26	9				
CALDEIRÃO DO HUCK	7	101.615	37	63	4	7	10	18	24	37	29	20	34	17				
ZORRA	11	149.944	34	66	6	1	12	17	41	23	42	25	23	10				
ALTAS HORAS	4	50.808	35	65	4	0	12	11	47	27	38	29	30	3				
MS RURAL	5	62.236	58	42	8	7	11	12	22	40	32	14	41	13				
PEQUENAS EMPRESAS	4	58.105	56	44	5	6	12	14	25	38	37	12	37	13				
GLOBO RURAL	4	61.410	54	46	3	6	11	17	27	36	38	16	29	16				
AUTOESPORTE	5	72.150	49	51	5	7	7	16	25	40	44	14	21	21				
ESPORTE ESPETACULAR	6	78.070	51	49	5	7	12	14	22	39	41	15	27	17				
SHOW DE DOMINGO VESPERTINO	8	107.123	51	49	10	6	12	15	23	33	44	19	27	10				
TEMPERATURA MÁXIMA	9	117.449	52	48	9	7	14	18	24	29	47	17	25	11				
FUTEBOL DOMINGO	11	145.814	50	50	5	11	16	18	21	29	31	18	32	19				
DOMINGÃO DO FAUSTÃO	12	165.366	47	53	6	7	13	19	23	31	23	30	27	20				
FANTÁSTICO	15	204.883	43	57	6	6	9	18	27	35	37	30	21	12				
SHOW DE DOMINGO NOTURNO	6	86.194	56	44	1	5	11	15	19	49	42	8	31	19				
DOMINGO MAIOR	8	113.181	51	49	4	6	10	15	24	40	43	19	26	11				

Fonte: GABEAS (GABEAS 1000) Campo Grande setembro de 11 a 27 de novembro de 2010. Dados Individuais (94,7% e 95,3%) base Total do Telespect. sobre TV Morena Campo Grande - dígitos de cobertura Rede Globo em 1/7.

Índices de credibilidade

Atualizado em 09/04/2011 - por: CDS/RS